



**LSPA**

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**A Violência Filioparental - violência  
exercida pelos filhos contra os seus  
progenitores**

**Raquel Silva de Oliveira**

**Orientador de Dissertação:**

**Professor Doutor José Henrique Pinheiro Ornelas**

**Professor de Seminário de Dissertação:**

**Professor Doutor José Henrique Pinheiro Ornelas**

**Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:**

**MESTRE EM PSICOLOGIA**

**Especialidade em Psicologia Clínica**

**2018**

Dissertação de Mestrado realizado sob a orientação do  
Prof. Doutor José Henrique Pinheiro Ornelas,  
apresentada no ISPA – Instituto Universitário  
para obtenção de grau de Mestre na especialidade de  
de Psicologia Clínica.

## Agradecimentos

Foram várias as pessoas que me acompanharam e que me incentivaram ao longo destes anos de vida académica, este caminho só foi possível com o apoio, energia e força de várias pessoas. Deste modo, não posso deixar de agradecer aos que fizeram parte deste processo repleto de desafios, experiências, momentos inesquecíveis e incertezas.

Começo por agradecer ao ISPA – Instituto Universitário, em especial, ao Professor Doutor José Ornelas, pela sua disponibilidade e pela infinidade de saberes que me transmitiu ao longo desta viagem. Obrigada pelo apoio!

Ainda tenho de agradecer a todos os meus colegas do seminário de dissertação, pela ajuda ao longo desta jornada. Agradeço igualmente a todos os participantes, pois sem eles este estudo não se teria concretizado.

Também um agradecimento à minha família, em particular aos meus avós, pelo apoio incondicional, por serem o meu suporte e o meu refúgio, ao meu irmão e aos meus pais pelo amor, força, confiança e motivação que me transmitem diariamente. Obrigada por me deixarem sempre escolher o meu caminho e por me ajudarem a crescer. A vocês, um obrigado cheio de carinho!

Aos amigos também há muito para agradecer. Em especial à Caroline por caminharmos juntas ao longo destes cinco anos, para além de uma colega de curso levo uma amiga para a vida. À Jéssica, Raquel, Carolina e João, obrigada pela partilha de sorrisos, pelo vosso amor, força e tranquilidade que me transmitiram, entre outros nomes, só tenho a agradecer todo o apoio neste meu percurso. Ainda, ao Miguel, apesar de chegares só agora à minha vida, quero agradecer-te pelo enorme carinho, pela confiança e pela nossa gigante cumplicidade.

## Resumo

Com o crescimento da incidência dos casos de violência filio-parental, a comunidade científica tem se mostrado interessada em investigar esta problemática. Neste sentido, pretende-se estudar se determinadas características sociodemográficas têm maior influência em desenvolver comportamentos agressivos contra os seus progenitores e, se o facto de os jovens testemunharem direta ou indiretamente violência têm maior probabilidade de exercerem violência filio-parental.

A presente investigação envolveu 176 participantes, 116 do sexo feminino e 60 do sexo masculino, entre os 18 e os 25 anos de idade. Aos participantes foi pedido que respondessem ao Questionário de Agressão Parental (Calvete, Gamez-Guadix, Orue, Gonzalez-Diez, Lopez de Arroyabe, Sampedro, Pereira, Zubizarreta & Borrajo, 2013).

Os resultados obtidos na investigação mostram que 10,8% dos participantes exercem violência filio-parental; 52,6% afirma que vive numa família nuclear, ou seja, vive com ambos os pais. A forma de violência que prevalece é a violência psicológica. Tem maior incidência nas mães, mas as diferenças não são significativas entre os pais. Relativamente ao consumo de substâncias e à presença de problemas psicológicos não se verificaram diferenças significativas entre os participantes que exercem violência contra os seus progenitores. Ter testemunhado tem um efeito estatisticamente significativo na violência filio-parental, enquanto que ter sido vítima de violência não tem um efeito estatisticamente significativo na violência filio-parental.

Pode-se concluir que é importante a divulgação desta problemática, existirem mais investigações para obter um conhecimento mais completo e rico, para poder criar medidas e programas preventivos.

Palavras-Chave: Violência Filio-parental, Violência Física e Psicológica, Família

## **Abstract**

With the growing incidence of youth-to-parent violence, the scientific community has been interested in studying this issue. Therefore, this work intends to study whether certain sociodemographic characteristics have a greater influence in the development of aggressive behaviors against parents, and if the fact of young people witnessing direct or indirect violence makes them more likely to exert youth-to-parent violence.

This research involved 176 participants, 116 females and 60 males, between 18 and 25 years of age. It was asked to the participants to answer to the Child-to-Parent Aggression Questionnaire (Calvete, Gamez-Guadix, Orue, Gonzalez-Diez, Lopez de Arroyabe, Sampedo, Pereira, Zubizarreta & Borrajo, 2013).

The results of the research show that 10.8% of the participants use youth-to-parent violence; 52.6% say that they live in a nuclear family, that is, they live with both parents. The form of violence that prevails is psychological violence. It has a higher rate in the mothers, but the differences are not significant between the parents. Regarding substance use and the presence of psychological problems, there were no substantial differences between young people who are violent to their parents. Being a witness of violent situations has a statistically significant effect on youth-to-parent violence, while being a victim of violence does not have a statistically significant effect on youth-to-parent violence.

In conclusion, it is important to expose this problem, so there is more research to acquire a more complete and rich knowledge to create preventive measures and programs.

**Keywords:** Youth-to-parent violence, Physical and Psychological Violence, Family

## Índice

Agradecimentos .....	III
Resumo.....	IV
Abstract .....	V
Lista de Figuras .....	VII
Lista de Tabelas .....	VIII
1. Introdução.....	9
2. Revisão da Literatura .....	10
2.1. Violência Familiar .....	10
2.2. Violência Filioparental .....	11
2.3. Aspetos Individuais, Sociais, Familiares e Culturais.....	16
2.4. Prevenção.....	24
2.5. Evidência Científica.....	27
3. Metodologia.....	31
3.2. Participantes .....	32
3.3. Delineamento .....	32
3.4. Procedimento.....	32
3.5. Instrumentos .....	33
4. Análise dos Resultados.....	34
4.1. Dados Descritivos.....	34
4.2. Incidência da violência filioparental.....	37
4.3. Ocorrência da violência filioparental.....	38
4.4. Consumo de substâncias e problemas psicológicos.....	43
4.5. Correlação entre violência doméstica e violência filioparental.....	44
5. Discussão.....	45
6. Considerações Finais.....	51
7. Referências Bibliográficas.....	54

## **Lista de Figuras**

<b>Figura 1:</b> Caracterização dos participantes em termos da sua utilização quanto ao sexo .....	35
<b>Figura 2:</b> Caracterização dos participantes em termos das suas habilitações literárias .....	35
<b>Figura 3:</b> Caracterização dos participantes quanto ao seu estatuto económico .....	36
<b>Figura 4:</b> Caracterização do agregado familiar dos participantes .....	37

## **Lista de Tabelas**

<b>Tabela 1:</b> Estudos Científicos sobre a Violência Filioparental.....	27
<b>Tabela 2:</b> Incidência da violência filiparental no que diz respeito ao sexo .....	37
<b>Tabela 3:</b> Caracterização do estatuto económico dos participantes que exercem violência.....	38
<b>Tabela 4:</b> Percentagens dos participantes que exercem violência quanto ao seu agregado familiar.....	39
<b>Tabela 5:</b> Incidência das formas de violência.....	40
<b>Tabela 6:</b> Incidência da violência psicológica quanto ao sexo .....	41
<b>Tabela 7:</b> Incidência da violência física quanto ao sexo .....	41
<b>Tabela 8:</b> Violência contra o pai.....	42
<b>Tabela 9:</b> Violência contra a mãe .....	42
<b>Tabela 10:</b> Teste T-Student para consumo de substâncias .....	43
<b>Tabela 11:</b> Teste T-Student para problemas psicológicos .....	44
<b>Tabela 12:</b> ANOVA Two-Way - Testemunhar violência.....	44
<b>Tabela 13:</b> ANOVA Two-Way - Ter sido vítima de violência.....	45

# 1. Introdução

Na sociedade atual, somos confrontados constantemente, através da comunicação social, com determinadas notícias sobre filhos que batem, que roubam ou até mesmo matam os seus próprios pais. Ouvimos cada vez mais, os pais a dizerem que têm medo dos seus próprios filhos, vivendo em sofrimento emocional. Contudo, os dados relativos à sua incidência estão muito aquém da realidade, por vergonha não admitem o que estão a viver, por medo do julgamento da sociedade, por se considerarem maus pais e culpados das agressões realizadas pelos seus filhos. Pela crença errónea da obrigatoriedade de proteção dos filhos, na maioria das vezes, estes pais sofrem em silêncio (Ibabe & Jaureguizar, 2011).

Estamos perante uma mudança nas relações entre pais e filhos, no qual verifica-se uma inversão da hierarquia em que os filhos assumem e têm o poder de controlar e gerir a relação entre ambos, em que, gostam de ter sucesso na sua tirania, não se colocam no lugar do outro e não toleram a frustração. Também parece existir um paradoxo, ao mesmo tempo que se fala de pais mais liberais (traduzindo-se assim uma alteração nos valores e nos limites parentais) de modo a tornarem os filhos mais autónomos, os jovens são cada vez menos responsabilizados pelas suas atitudes.

A violência filio-parental é um fenómeno que tem ganho interesse pela comunidade científica (Coogan, 2011), no entanto, as informações ainda se encontram muito dispersas, não existindo qualquer consonância entre elas. O presente estudo, devido a todos os aspetos referidos e pela importância que esta problemática apresenta, tem como propósito compreender e analisar a temática violência filio-parental.

A presente dissertação encontra-se, deste modo, organizada da seguinte maneira: primeiramente é realizada uma revisão de literatura sobre temas pertinentes para a compreensão da problemática em questão, nomeadamente, a história da violência filio-parental, como as suas características até então encontradas, como aspetos sociodemográficos, também será abordado outros aspetos como as mudanças na interação entre pais e filhos e o conceito de culpa. De seguida, é contemplada a metodologia, onde estão descritas as características dos participantes, o instrumento e o procedimento utilizado, depois procedeu-se à análise dos resultados obtidos. No seguimento, é apresentada a discussão dos resultados, onde se procura interpretar os resultados e ver qual a sua ligação com a informação teórica, posteriormente são descritas

algumas considerações finais, incluindo as limitações sentidas e dadas sugestões para futuros estudos a realizar. Por fim, as referências bibliográficas que foram utilizadas.

## **2. Revisão da Literatura**

### **2.1. Violência Familiar**

O fenômeno de violência no âmbito familiar não é um problema recente, nota-se, de acordo com literatura mais antiga, que terá sido uma característica da vida familiar em tempos remotos, mas que não era considerada como um sinónimo de graves problemas sociais, indo-se intensificando aos longo dos anos, ao mesmo tempo que se intensificava a responsabilidade social acerca deste tipo de problemas. Neste sentido, a violência familiar começou a ser vista como um problema social grave a partir do início dos anos 60, no qual, primeiramente, se falou de maus-tratos infantis, seguindo-se a violência contra as mulheres e as suas consequências no início dos anos 70.

A violência familiar (podendo também ser referida como violência doméstica ou violência intrafamiliar) ainda era considerada como pouco comum, sendo apontada como um fenómeno restrito a pessoas que apresentavam patologias graves. O que tem sido contrariado por alguns autores, revelando ser mais frequente do que se julga na realidade, colocando em causa algumas das crenças e estereótipos que estavam enraizados na sociedade e, que muitos deles atualmente se mantêm (Corsi, 1994), por exemplo, ainda se pode constatar a ideia de que o que acontece no ambiente familiar pertence ao foro privado. Como refere Duarte (2000), para manter a ideia de harmonia entre os membros, pois a família é considerada um contexto de amor e proteção onde se promove o desenvolvimento completo, no entanto, por vezes, esses pressupostos não se verificam, dando lugar ao medo, à hostilidade e à violência. Nas últimas décadas, o contexto familiar é onde se assinalou um maior número de ocorrências violentas, podendo ser, não só, devido ao aumento dos comportamentos violentos, mas, possivelmente, pelo aumento de denúncias efetuadas (Sanmartín, Gutiérrez, Martínez & Vera, 2010).

É importante clarificar que a violência em ambiente familiar deve ser estudada tendo em consideração um conjunto de valores e de crenças de uma determinada cultura e época,

porque são todos esses fatores que lhe concedem um sentido (Duarte, 2000). Assim, a violência é executada por um membro da família, que apresenta condutas que são prejudiciais à integridade física e psicológica, ao bem-estar e à liberdade de um outro membro do contexto familiar (Narvaz & Koller, 2006).

## **2.2. Violência Filioparental**

A violência filio-parental foi mencionada, pela primeira vez, na década de 50 por alguns autores como Sears, Maccoby e Levein (1957 cit. por Arouca, 2010), pela preocupação da violência física que os filhos exerciam sobre os pais, referindo-se a este fenômeno como “síndrome dos pais maltratados”. Em 1974, Barcai e Rosenthal (cit. por Arouca, 2010) abordaram este tema indicando os filhos como “tiranos e pequenos ditadores” e progenitores que abdicaram da sua autoridade.

Contudo, Harbin e Madden (1979) foram os pioneiros, identificando a violência filio-parental como uma nova forma de violência familiar, realizaram uma primeira descrição sobre o conceito: os perpetradores são os filhos que exercem violência contra os seus próprios pais, são famílias em que os principais cuidadores renunciaram a sua função de liderança, mas que, aparentemente, não se encontram sob nenhum clima de tensão, todavia, apresentam problemas na autoridade hierárquica (Aroca, Lorenzo & Miró, 2014; Calvete, Orue & Sampedro, 2011; Eckstein, 2004; Garrido, 2005; Vaquero, 2015). Os filhos são jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 24 anos, que ainda vivem com os pais estando economicamente dependente deles, o que diferenciava do tipo de violência que Steinmetz (1978 cit. por Arouca, 2010) descreveu, em que os filhos já adultos negligenciam e abusam dos seus pais idosos que se encontram dependentes e indefesos. Descrevem também, que a maioria desses jovens não estavam sob o efeito de quaisquer tipos de substâncias (álcool ou drogas) no momento das agressões (Aroca, Lorenzo & Miró, 2014; Calvete, Orue & Sampedro, 2011; Eckstein, 2004; Garrido, 2005; Vaquero, 2015).

Posteriormente, apareceram Wilson em 1996 e, ainda Laurent e Derry em 1999, que caracterizaram esta problemática como uma agressão física que se prolonga ao longo do tempo realizada por um menor de idade contra os seus pais (cit. por Agustina & Romero, 2013).

No seguimento foram surgindo estudos com novas definições, por exemplo, Garrido (2005) define este tipo de violência como um transtorno que engloba um conjunto tanto de comportamentos agressivos físicos como psicológicos, que surgem pela baixa tolerância à frustração. Refere ainda, que os jovens agressores apresentam falta de consciência e diminuta capacidade de sentir culpa. Pode-se, também, encontrar uma definição que explica que este tipo de violência, consiste num conjunto de condutas recorrentes por parte dos filhos contra os pais, que envolve a violência verbal (como insultos, ameaças), a não verbal (ameaças de agressão, destruição de objetos) e a violência física (agressões, empurrões) (Pérez & Pereira, 2006).

Contudo, a definição mais utilizada pela comunidade científica é a de Cottrell e Monk (2004) que descreve este tipo de violência como quaisquer condutas intencionais exercidas pelos filhos que provoquem medo aos progenitores com o intuito de adquirir controlo e poder sobre eles, através de violência física, psicológica e económica. Bobic (2004 cit. por Clarke, Holt, Norris & Nel, 2017) acrescenta que se verifica uma inversão da hierarquia familiar.

Neste sentido, foram surgindo inúmeros termos para definir este fenómeno, mais adaptados aos seus aspetos, como violência dos filhos a progenitores, violência contra os ascendentes, abuso de pais, síndrome do imperador ou violência filio-parental, termo mais utilizado pelos investigadores, que foi criado por Ibabe (2007) que significa violência entre pais e filhos. Esta falta de concordância em relação à definição e à variedade de termos que definem esta problemática gera inúmeras dificuldades na identificação e compreensão desta forma de violência (Tew & Nixon, 2010 cit. por Coogan, 2011).

Ao longo das investigações, os autores expõem e diferenciam duas eras, a violência filio-parental “tradicional”, que se associava a problemas psicológicos e mentais, autismo, delírios e alucinações; violência exercida para proteger um membro da família que estaria a sofrer agressões; quando os filhos, durante a infância, sofriam de abuso ou negligência, havendo uma inversão dos papéis, passando a ser os filhos a maltratar os seus progenitores; e, associada ao consumo de drogas. E a era “nova”, onde são introduzidos os conceitos de “poder” e “controlo”, onde o filho provoca danos e sofrimento, propositadamente e conscientemente, sobre seus progenitores constantemente, de maneira a conseguir todo domínio sobre eles e a alcançarem os seus desejos e exigências, através de violência psicológica, económica e física (Martínez, Estévez, Jiménez & Velilla, 2015; Vaquero, 2015). É importante deixar bem esclarecido que na violência filio-parental os perpetradores são jovens, não incluindo a violência exercida por filhos contra os pais idosos (Patuleia & Alberto, 2016).

Assim, pode-se determinar que a violência filiofamiliar é um tipo de violência intrafamiliar, sendo compreendida como qualquer ação agressiva recorrente por parte dos filhos jovens de forma deliberada e consciente, provocando medo para deter controle e domínio sobre os seus progenitores, com o objetivo de causar sofrimento físico, psicológico e económico aos seus progenitores (Paterson, Luntz, Perlesz & Cotton, 2002 cit. por Gámez-Guadix & Calvete, 2012; Arouca & Ibáñez-Ferrer, 2004 cit. por Molla-Esparza & Aroca-Montolío, 2017; Ibabe, Jaureguizar & Díaz, 2007; Coogan, 2011; Ibabe & Jaureguizar, 2011; Ibabe, Jaureguizar & Bentler, 2013; Marco, 2013; Moreira, 2014).

A partir dos vários estudos verifica-se que o perfil do jovem perpetrador é muito heterogéneo, notando em determinados aspetos alguma discórdia, como no sexo, na idade, no estatuto socioeconómico. Relativamente ao género do perpetrador, autores como Agnew e Hunguley (1989); Brezina (1999); McCloskey e Lichter (2003); e Cottrell (2001) referem que não existem diferenças significativas em relação ao género dos perpetradores, sendo mesmo quase inexistentes. Nock e Kazdin (2002 cit. por Arouca, 2010) encontraram que as filhas eram mais frequentemente as perpetradoras. No entanto, nos vários estudos efetuados, como Cottrell e Monk (2004); Kennair e Mellor (2007); Gallagher, 2009; Martínez et al. (2015) os perpetradores são, comumente, do sexo masculino. Não obstante, segundo Walsh e Krienert (2007); Rechea, Fernández e Cuervo (2008 cit. por Arouca-Montolío, Moledo & Pérez, 2014); e Romero, Melero, Cánovas e Antolín (2007 cit. Martínez et al., 2015), a violência filiofamiliar, comparativamente com os outros tipos de violência, é a que mais apresenta indivíduos do sexo feminino.

De acordo com Cottrell e Monk (2004), a violência filiofamiliar ocorre mais entre os 10 e os 18 anos de idade; Kethineni (2004) concluiu que a maior incidência é entre os 15 e 16 anos de idade; e, outros, como Harbin e Madden (1979) que referem que os perpetradores deste tipo de violência familiar são adolescentes e jovens adultos, a maioria varia entre os 13 e 24 anos de idade. Contudo, parece existir concordância entre os vários estudos realizados (Chinchilla, Gascón, García & Otero, 2005) defendendo que existe uma maior incidência entre os 14 e 16 anos de idade, pois é conhecido como um período de muita tensão entre a autoridade parental e a necessidade que o adolescente sente em conseguir ter autonomia (Coogan, 2011). No entanto, Pérez e Pereira (2006) discordam, considerando que esse período crítico pode ir dos 11 aos 24 anos de idade, havendo um pico em torno dos 15 e 17 anos de idade. Ainda, existem alguns autores que defendem que quanto mais velho for o agressor maior violência irá exercer

contra os seus pais, mas em contrapartida, existem outros estudos que indicam que a violência filiofamiliar tem tendência a diminuir quanto maior for a idade do perpetrador (Charles, 1986; Paulson, Coombs & Landsverk, 1990 cit. por Aroca-Montolío, Moledo & Pérez, 2014).

Em relação ao estatuto socioeconómico, Cottrell e Monk (2004) referem que o nível económico das famílias não é um aspeto determinante, todavia, certos autores consideram que este tipo de violência ocorre principalmente nas famílias com problemas económicos (Laurent & Derry, 1999; Cottrell & Monk, 2004; Gallagher, 2008; Aroca, Cánovas & Alba, 2012). Já outros estudos, como Eckstein (2004); Arouca (2010); Calvete, Orue e Sampedro (2011); Gamez-Guadix e Calvete (2012), indicam que a violência filiofamiliar surge nas famílias de classe média e com recursos económicos mais elevados. Deste modo, pode-se afirmar que este fenómeno pode ocorrer em qualquer classe económica e social, ou seja, não se limita apenas a uma classe social (Gallagher, 2008; Calvete, Orue & Sampedro, 2011; Arouca, Cánovas & Alba, 2012).

### Formas de Violência Filiofamiliar

Uma vez definida a violência filiofamiliar, importa especificar os tipos de violência que os jovens utilizam contra os seus pais, nomeadamente:

- Violência Psicológica – é a forma de violência mais habitual, mas a menos denunciada, por se considerar a violência física a mais grave que será abordada de seguida; engloba a violência verbal e emocional, corresponde a uma forma de violência que atenta contra sentimentos e necessidades afetivas de uma pessoa e que resulta em conflitos pessoais e traumas ao nível emocional, como por exemplo, a humilhação, ameaça, rejeição, chantagem, intimidação, culpabilização, hostilização, manipulação (Garrido, 2005)
- Violência Física – provoca danos físicos na vítima, sendo as formas mais frequentes o empurrão, a bofetada, os pontapés, beliscões, o murro, e em situações mais severas, a queimadura e o estrangulamento, podendo utilizar, também, instrumentos como paus, armas brancas, cordas para amarrar. Além disto, considera-se o abandono uma situação de vulnerabilidade da vítima (Aroca-Montolío, Moledo & Pérez, 2014).
- Violência Económica – envolve todas as condutas que afetam financeiramente as figuras parentais, como os roubos, furtar e a destruição de objetos, que geralmente é acompanhada pela violência psicológica, através de ameaças, chantagem e manipulação (Ibabe, Jaureguizar & Díaz, 2007; Aroca-Montolío, Moledo & Pérez, 2014).

A maioria dos estudos até agora realizados concentram-se nos Estados Unidos (Nock & Kazin, 2002; Walsh & Krienert, 2007; Margolin & Baucom, 2014), no Canadá (Pagani, Larocque, Vitaro & Tremblay, 2003; Cottrell & Monk, 2004; Pagani, Tremblay, Nagin, Zoccolillo, Vitaro & McDuff, 2004, 2009) e em Espanha (Ibabe & Jaureguizar, 2010; Contreras & Cano, 2014, 2016; Ibabe & Bentler, 2016; Izaguirre & Calvete, 2016), no entanto a maioria da literatura centra-se na violência física em relação aos pais. Todavia, a forma de violência que se evidencia é a psicológica, por exemplo, nos Estados Unidos as taxas de incidência de violência física contra os pais encontram-se entre 7% e 29% (Kennair & Mellor, 2007), no contexto europeu, nomeadamente em Espanha revelaram que variam entre 5% e 21% (Calvete, Orue, Bertino, Gonzalez, Montes, Padilla & Pereira, 2014), já a violência verbal varia entre 33% e 93% (Patuleia, Alberto & Pereira, 2013; Calvete, Orue, Bertino, Gonzalez, Montes, Padilla & Pereira, 2014; Ibabe & Bentler, 2016; Ibabe, Jaureguizar & Bentler, 2013; Beckmann, Bergmann, Fischer & Mößle, 2017; García, 2014).

De acordo com o estudo realizado por Eckstein (2004), estas formas de violência podem não surgir num mesmo episódio de violência, os jovens começam por utilizar a violência verbal, que se vai fortalecendo e tornando-se constante com o passar do tempo, quando deixa de ter o resultado pretendido começam a exercer violência emocional ou violência física, que também se vai tornando frequente e mais intensa. Este autor refere que a violência emocional é a que mais origina consequências negativas às vítimas e, ainda, verificou que os pais, apesar de todos os comportamentos abusivos, têm a tendência de desculpar esses mesmos comportamentos, afirmando que “apesar de me insultar e de algumas vezes me ameaçar, o meu filho respeita-me e quer-me”.

### “Ciclo de Violência Filioparental”

Em primeiro lugar, considera-se que as figuras parentais exercem determinadas atitudes que mantêm a tranquilidade no contexto familiar, atitudes que cedem ao que o seu filho pretende, de maneira a evitar criar um clima de conflito intrafamiliar, ao qual, os filhos interpretam-nas como uma submissão à sua autoridade e ao seu controlo, sentindo-se superiores. Consequentemente, devido a todas essas cedências, os filhos vão exigindo cada vez mais, resultando numa mudança de hierarquia familiar, sendo o jovem o verdadeiro superior hierárquico. As figuras parentais vão se sentindo mais frustrados, adotando diferentes

comportamentos, severos e hostis perante o jovem, perante esta mudança de atitudes dos pais, os jovens sentem-se desafiados e a perder o seu domínio sobre os seus progenitores provocando um crescente stress intrafamiliar e o aumento do conflito. Neste sentido, existe um aumento de intensidade e constância das condutas mais agressivas face às figuras parentais de maneira a fazer com que os pais voltem a submeter-se ao seu domínio (Arouca, 2010; Coogan, 2011; Arouca- Montolío, 2013; Patuleia & Alberto, 2016).

Os progenitores ao longo do tempo vão se apercebendo que perderam toda a autoridade, entrando num dilema, isto é, não sabem qual a atitude que devem ter para resolver o problema, nesta altura: ou continuam a ceder às exigências dos filhos de modo a aliviar todo aquele stress, ao qual os filhos se vão tornando ainda mais agressivos, pois sentem-se vitoriosos e dominadores, aprendendo a conquistar o que pretendem através da força e da violência; ou, pelo contrário, decidem manter as atitudes repressivas e mais severas contra o filho, em que ambas as partes reagem de forma agressiva, intensificando o conflito e originando episódios ainda mais violentos, existindo uma constante luta entre ambos (Arouca, 2010; Coogan, 2011; Arouca- Montolío, 2013; Patuleia & Alberto, 2016).

Posto isto, estamos perante uma relação que funciona como um processo de ação-reação, em que os progenitores utilizam a submissão e a permissividade com o intuito de manter um clima familiar tranquilo e longe de conflitos, conseguindo o pretendido, este padrão relacional intensifica-se e torna-se rígido, originando um ciclo de violência (Arouca, 2010; Coogan, 2011; Arouca- Montolío, 2013; Patuleia & Alberto, 2016)

### **2.3. Aspetos Individuais, Sociais, Familiares e Culturais**

Constatando que a violência filio-parental é um fenómeno bastante complexo, multifacetado e apresenta inúmeras razões, não se pode inferir que existe apenas um fator responsável para o seu desenvolvimento, sendo relacionado a fatores multicausais, nomeadamente, sociais, culturais, familiares e individuais (Redondo, Pimentel & Correia, 2012).

#### *Bidirecionalidade da violência filio-parental*

Muitos investigadores tentam explicar o fenômeno de violência filiofamiliar através da bidirecionalidade, dizendo que, muitos dos casos de agressões efetuadas pelos filhos contra os progenitores é devido aos filhos já terem sofrido maus tratos pelos seus pais, e por isso têm uma probabilidade maior de violentar os seus pais (Straus & Hotelling, 1980 cit. por Ibabe & Jaureguizar, 2011; Kratcoski, 1985 cit. por García, 2014; Maxwell & Maxwell, 2003 cit. por Ibabe & Jaureguizar, 2011; Gámez-Guadix & Calvete, 2012; Hartz, 1995). De acordo com estudos de Brezina (1999) e Mahoney e Donnelly (2000) mostraram que quanto mais os pais utilizarem corretivos corporais, mais os filhos têm propensão para se comportarem de forma violenta contra eles (cit. por Ibabe & Jaureguizar, 2011).

Ibabe, Jaureguizar e Díaz (2007) defenderam que os jovens que executavam violência contra os seus pais haviam sido expostos a violência familiar em diversas circunstâncias, como também mostram os estudos realizados por Gámez-Guadix e Calvete (2012) que concluíram que os adolescentes que exerciam violência filiofamiliar tinham estado expostos recorrentemente a violência familiar comparativamente aos adolescentes que não tinham assistido a qualquer tipo de violência intrafamiliar. Isto pode ser explicado com base na “teoria de aprendizagem social” de Bandura (1977) em que as experiências da infância e as relações entre pais e filhos, ou seja, o fato de ter vivenciado violência doméstica de forma indireta ou direta, assim como o estilo educativo dos pais, influenciam os comportamentos posteriores dos filhos (Downey, 1997). Pois as crianças aprendem a comportar-se observando determinadas atitudes e comportamentos dos seus pais (Kennair & Mellor, 2007), assimilando que a única maneira de enfrentar e resolver os problemas é através da violência (Laurent & Derry, 1999; Mitchell & Finkelhor, 2001; Ibabe & Jaureguizar, 2011).

Num estudo recente realizado por Contreras e Cano (2016) compararam jovens que são violentos com os seus pais e, jovens que não são, em relação à vivência de violência direta e indireta em contexto familiar. De modo a perceber se a exposição à violência familiar influencia o desenvolvimento de violência filiofamiliar, verificando que os jovens que tinham sido expostos a mais violência eram mais propensos a exercer violência contra os seus progenitores do que aqueles que não exerciam violência contra os seus pais. Concluindo que a violência familiar, tanto observar como ser vítima de comportamentos violentos, é um aspeto influente na violência de jovens contra os seus cuidadores principais.

Também foi considerada a exposição dos filhos a violência conjugal um fator determinante para serem violentos contra as suas mães (Cottrell & Monk, 2004; Ulman &

Straus, 2003 cit. por Ibabe & Jaureguizar, 2011). Neste sentido, em situações de conflito conjugal, como explicam Patterson (1982), Sturge-Apple, Davies e Cummings (2006), a conduta parental poderá ficar mais desorganizada o que irá dificultar os pais a responderem de forma consistente e em estabelecer limites ao comportamento inadequado dos seus filhos e, possivelmente, serem agressivos (cit. por Ibabe & Jaureguizar, 2011). Consequentemente, de acordo com Bandura (1977), os pais estão a proporcionar um modelo de conduta agressivo em que os seus filhos podem reproduzir no futuro, contra os seus próprios pais. Um estudo realizado por Brezina (1999) indicou que a violência parentofilial e filiofamiliar encontram-se relacionadas, uma vez que é comum que o jovem se torne indiferente ao sofrimento parental, mostrando nenhuma empatia pelos pais, sendo assim inapto a assumir culpa e responsabilidade.

Ainda, Stith, Rosen, Middleton, Busch, Lundeberg e Carlton (2000), investigaram sobre a “transmissão transgeracional” da violência conjugal, fenómeno utilizado para explicar que a violência é aprendida dentro da própria família. Num estudo realizado por Langhinrichsen-Rohling e Neidig (1995) encontraram-se diferenças significativas entre o sexo feminino e o sexo masculino na forma como a violência conjugal influencia os filhos, verificando que as meninas que observaram violência conjugal tinham uma menor probabilidade de terem comportamentos violentos contra os pais quando confrontadas com os meninos (cit. por Ibabe & Jaureguizar, 2011).

Podendo ser possível afirmar que a exposição a consecutivos conflitos e violência entre os progenitores, pode desenrolar no desenvolvimento de comportamentos violentos por parte dos filhos. A investigação de Boxer, Gullan e Mahoney (2009), verificou que os jovens que fazem parte de famílias que não vivenciaram qualquer tipo de violência apenas 25% apresentavam sinais de violência filiofamiliar, enquanto que os jovens que se desenvolveram em contextos violentos 75% apresentava comportamentos violentos contra os seus progenitores.

### *Mudanças na relação pais-filhos*

Tem de se ter em consideração que a violência e a parentalidade, como muitos outros aspetos, são construções culturais, que variam entre culturas e épocas, que são diferentes entre sociedades e gerações. É de notar que ao longo dos últimos anos têm surgindo novas dinâmicas

e alterações ao nível do sistema familiar (Tercero & Menna, 2009). Esta forma de violência é, constantemente, associada com outras formas de violência familiar, como os filhos maltratados e a exposição à violência conjugal, à carência emocional e à punição, isto é, diversos estudos, ao longo dos anos, identificaram estes fatores como fatores de risco. Estudos mais recentes mostram que as taxas de violência filio-parental têm vindo a aumentar, neste sentido, torna-se difícil explicar este fenómeno apenas através do que é habitualmente estudado, sendo importante debruçar sobre outros aspetos (Coogan, 2012).

A partir do século XX, na cultura ocidental, verificou-se alterações ao nível das relações entre os progenitores e os filhos, tendo vindo a tornarem-se cada vez mais simétricas (Etxebarria, Apodaca, Fuentes, López & Ortiz, 2009 cit. por Calvete, Gámez-Guadix & Orue, 2014), o que dificulta os pais a manter a autoridade e limites perante os filhos. Tem-se assistido a uma diminuição considerável do número de filhos, existindo um aumento de número de filhos únicos, o que leva os pais a mimar e a cuidar excessivamente, também, o facto de cada vez ser mais as pessoas a decidir ter filhos numa idade mais avançada, tendo menos energias e paciência para manterem a disciplina e limites. Como também, o número de horas de contacto com os filhos são cada vez mais escassos, os pais chegam a casa cansados e sem qualquer energia, então, o pouco tempo que têm para estar com eles querem evitar situações de tensão e de conflito, acabando por eliminar situações que geram frustração, resultando em permissividade (Tercero & Menna, 2009).

Nota-se que se foi estruturando um modelo educativo apoiado na recompensa, na tolerância e numa educação mais democrática e flexível e menos na punição que é um comportamento, atualmente, criticado (Ceconello, De Antoni & Koller, 2003) como na disciplina, que pode resultar numa sociedade cada vez mais permissiva (Ceberio, 2016). Torna-se complicado perceber o que é ou não aceitável relativamente ao comportamento que os filhos adotam face aos seus progenitores e vice-versa, verificando-se uma fragilidade na sua autoridade, que resulta também da crença de que os pais têm a função de proteger os seus filhos, contribuindo para a negação e a desvalorização das atitudes violentas de que sofrem por parte dos seus filhos (Patuleia, Alberto & Pereira, 2013).

Posto isto, a violência filio-parental pode surgir em situações em que os pais são excessivamente permissivos, chegando mesmo a ser uma relação simétrica, em que sentem dificuldades em colocar regras, sendo sim negociadas entre ambos; também, quando são demasiadamente protetores e constantemente satisfazem as necessidades, os anseios e ambições

dos filhos. Cada vez mais se dá importância à juventude, assimilando que é a melhor altura da vida, e por isso tende-se a prolongá-la no tempo, ao mesmo tempo que se dá mais autonomia aos jovens, dá-se menos responsabilidades (Tercero & Menna, 2009).

Os meios de comunicação social também desempenham um papel importante, em que ilustram mil e uma maneiras de resolver os seus problemas através da violência (Tercero & Menna, 2009). Segundo Cottrell (2001) e Machado (2010) a constante exposição a imagens e linguagem violenta pode fazer com que os jovens acreditem que é apenas através da violência que se consegue resolver os problemas e os conflitos (Routt & Anderson, 2011). Os jovens referiram a exposição à violência na televisão e aos videojogos como um contributo para ativar o seu humor hostil, como mostra o estudo realizado por Calvete, Orue, Bertino, Gonzalez, Montes, Padilla e Pereira (2014).

Além do mencionado, de acordo com Coogan (2011), existiram também mudanças nas famílias tradicionais, ou seja, a família nuclear foi-se desvanecendo progressivamente ao longo dos anos, aparecendo outros tipos de famílias (famílias reconstruídas, divórcio/separação e famílias monoparentais) e, por isso, torna-se mais complexo, para os pais, lidar e manter a autoridade. Através do estudo de Pagani, Tremblay, Nagin, Zoccodillo, Vitaro e McDuff (2009), apurou-se que a separação, o divórcio, novo casamento ou monoparentalidade são consideradas condições de risco para o desenvolvimento da violência filiofamiliar contra as mães, devido, por exemplo, a desacordos em relação à custódia, dificuldades financeiras ou danos na relação entre os pais e os filhos, implicando uma reorganização da estrutura e da dinâmica familiar (Ibabe & Jaureguizar, 2010; Agustina & Romero, 2013).

É importante referir que os dados indicam que a violência filiofamiliar tem maior incidência sobre as mães nas famílias monoparentais, podendo ser esta situação explicada por as mães serem as principais cuidadoras e, por ainda, se considerarem como mais frágeis e vulneráveis por isso mais propensas a sofrerem violência por parte dos filhos (Agnew & Huguley, 1989; Cottrell, 2001; Cottrell & Monk, 2004). No entanto, Laurent e Derry (1999), mostraram o contrário, a partir de um estudo com adolescentes franceses verificaram que apenas 36% dos adolescentes que eram violentos contra os seus progenitores pertenciam a famílias monoparentais, enquanto que 64% viviam com ambos os pais.

Além do que já foi mencionado, também será relevante perceber o contexto em que ocorreram as agressões, discussões sobre a hora de chegar a casa, as pessoas com quem saem,

estudos e dinheiro, são alguns dos temas que são relatados com frequência. Os pais entrevistados afirmaram que os jovens não aceitavam que controlassem as suas vidas, e os jovens foram no mesmo sentido, que os pais ficavam chateados por não os conseguirem controlar. Ainda, foi acrescentado que quanto mais os proibissem de fazer algo, mais os jovens queriam fazer, chegando mesmo a ser sugerido que os jovens querem destruir os pais por meio da autodestruição. Os jovens não aceitam qualquer vitória por parte dos seus pais, mesmo que isso os prejudique (Calvete, Orue, Bertino, Gonzalez, Montes, Padilla & Pereira, 2014).

### Fatores individuais

Como já foi referido, o sistema familiar pode influenciar o desenvolvimento de condutas agressivas, mas existem também aspetos individuais que têm influência nesses mesmos comportamentos. Para Crichton-Hill, Evans e Meadows (2006), o aspeto biológico tem a sua importância, na medida em que consideram que existe uma falta de consciência e dificuldade nos jovens para sentirem carinho relativamente às pessoas que os rodeiam, também uma incapacidade de desenvolvimento e de exprimir de emoções como a empatia, compaixão ou amor, apresentam pouca capacidade de controlarem a sua impulsividade e a frustração, sendo mais irritáveis e agressivos.

De acordo com Calvete, Orue, Bertino, Gonzalez, Montes, Padilla e Pereira (2014), um estudo com mães e profissionais, descreveram que existem diferentes traços temperamentais, descrevendo os jovens como tendo um temperamento problemático desde cedo, também foram mencionados problemas de impulsividade, baixa tolerância à frustração e o não estabelecimento de objetivos a longo prazo; e, algumas mães interpretaram o comportamento violento dos jovens como uma manifestação de depressão. Além disto, problemas psicológicos, como transtornos de personalidade Borderline e transtornos alimentares também foram descritos.

### Abuso de substâncias

Ao longo dos anos tem se verificado que muitos autores relacionam o consumo de drogas e álcool com a violência filio-parental. Cottrell e Monk (2004), Pagani, Tremblay, Nagin, Zoccolillo, Vitaro e McDuff (2004), Coogan (2011), entre outros, verificaram que este tipo de

violência surgia devido às discussões relacionadas com o abuso de substâncias. Já Rechea e Cuervo (2009 cit. por Arouca-Montolío, Moledo & Pérez, 2014), concluíram que a maioria dos jovens só haviam começado a consumir drogas e álcool depois de começarem a ter condutas violentas contra os seus pais. Por outro lado, há estudos, como Harbin e Madden (1979), Rechea, Fernández e Cuervo (2008 cit. por Santos, 2017), que indicam que muitos dos jovens não tinham consumido nada antes de agredirem os seus pais. Ainda, através de um estudo realizado por Calvete, Orue, Bertino, Gonzalez, Montes, Padilla e Pereira (2014) os jovens afirmaram que o que os tornava violentos era a abstinência e não o consumo de substâncias em si. Walsh e Krienert (2007), verificaram que, ao nível do sexo, na relação com o consumo de substâncias e a violência dos filhos contra os seus pais, existem diferenças significativas, os filhos são mais tendentes do que as filhas a consumirem essas substâncias em casos de violência filio-parental.

É importante deixar claro que é um consumo de drogas e álcool descontrolado, não o consumo comum. Também, importa esclarecer que, na perspetiva de Bobic (2002), muitos estudos abordam este tópico como uma causa para o desenvolvimento de violência filio-parental, no entanto, nenhum estuda com a profundidade necessária para afirmar que o consumo de álcool e drogas é uma condição necessária para que haja violência. Wilson (1996 cit. por Routt & Anderson, 2011) demonstrou que o abuso de substâncias é responsável pelo o aumento da severidade da violência, mas afirma que não é suficiente para explicar a violência filio-parental.

### “Culture of Blame”

Na última década, tem-se intensificado o que é denominado como a “cultura da culpa”, fazendo com que os pais assumam a responsabilidade total pelo comportamento dos filhos, contribuindo para a sensação que de alguma forma merecem aquilo pelo que estão a passar, parecendo que as vítimas são responsáveis pela sua vitimização (Valor-Segura, Ecpósito & Moya, 2011 cit. por Holt, 2016). Mais especificamente, a culpa é da mãe, ou seja, existe a crença de que os jovens são inteiramente produtos da paternidade, que é inteiramente responsabilidade da mãe, pois são elas que moldam o desenvolvimento da personalidade (Caplan & Hall McCorquodale 1985; Sommerfeld 1988; Spitz, 2006 cit. por Gallagher, 2004). Até mesmo o termo que por vezes é utilizado, “abuso de pais”, é demonstrativo disso, pois pode ser entendido como “abuso infantil”, mesmo que esteja a indicar a violência filio-parental, pode

ser também utilizado para referir o abuso por parte dos pais. Mostrando o quão está enraizada a crença dos jovens como vítimas (Gallagher, 2004).

Contudo, é importante não responsabilizar apenas os pais, como têm feito muitos dos investigadores. É necessário investigar outras alternativas explicativas, que não “desculpabilizem” de modo a responsabilizar também os jovens agressores pelos seus comportamentos (Calvete, Orue, Bertino, Gonzalez, Montes, Padilla & Pereira, 2014). Usualmente, considera-se que o comportamento das crianças é causado diretamente pelo comportamento dos pais, os vários profissionais e a sociedade culpam os pais pelas atitudes dos filhos, desde Freud (Cottrell, 2001); e, por isso, os pais já se sentem culpados e fracassados enquanto pais (Gallagher, 2004). É muito importante que não se sintam totalmente responsabilizados pelo comportamento dos seus filhos, pois esses pais, por vezes, têm outros filhos que não apresentam qualquer conduta violenta, ou seja, embora o comportamento dos pais seja muito importante é apenas uma influência, como tenta explicar Gallagher (2004).

No entanto, é comum olhar para os jovens agressores como vítimas, utilizando determinadas justificações: como os jovens que foram maltratados sendo mais suscetíveis a serem violentos ou que testemunharam violência intrafamiliar; ou jovens que passaram por divórcios dos pais. Esta vitimização pode ter inúmeras consequências, por exemplo, eles não assumirem responsabilidade pelas suas ações, sendo sempre desculpáveis as suas atitudes e tornando-os mais violentos. Na realidade são explicações, mas o facto de um jovem ter sofrido violência não lhe dá o direito de abusar outras pessoas (Gallagher, 2004).

Outra das explicações utilizadas é a tendência de diagnosticar distúrbios e doenças mentais nestes jovens o que garante a compreensão das atitudes tomadas pelo jovem, sendo vistos como pessoas que não têm controlo sobre si mesmas. No entanto, mesmo que os jovens com algum tipo de distúrbio ou doença possam achar mais difícil controlar o seu comportamento, é incorreto assumir que são incapazes de autocontrolo (Gallagher, 2004). Ainda, o significado da puberdade no desenvolvimento desse comportamento, ou seja, acredita-se que determinados comportamentos e atitudes estão associados ao período crítico da adolescência, tornando isso numa norma, contudo, não existem certezas de que tenha um papel significativo nos problemas comportamentais (Gallagher, 2004). Todavia, necessitamos dos conceitos de “culpa” e “vítima”, mas o mais importante não é saber se um indivíduo é realmente uma “vítima” ou um “agressor”, como também é importante não focar o jovem apenas como um perpetrador.

## 2.4. Prevenção

Ainda se verifica poucas políticas preventivas para o fenómeno de violência, as existentes, geralmente, são focalizadas no último nível de prevenção (Kingston & Penhale, 1995), apesar de existirem três níveis de prevenção, que serão abordadas de seguida. O primeiro nível, “prevenções primárias”, tem como objetivo evitar o problema antes que ele comece; intervém ao nível da sociedade, através de campanhas de conscientização pública e procedimentos de mudança ao nível social, legal e educacional para promover um ambiente familiar saudável (cit. por Browne & Herbert, 1997).

O segundo nível, “Prevenções Secundárias”, através de estudos, tenta identificar aspetos que estão presentes quando ocorrem incidentes violentos, ou seja, o grande objetivo é dar atenção a famílias que necessitam de ajuda antes que ocorram comportamentos violentos severos, isto é, os serviços de saúde identificam as famílias que necessitam de ajuda, detetando os fatores de risco presentes. No entanto, este processo depara-se com grandes dificuldades, pois é preciso desenvolver métodos para se conseguir identificar os tais fatores, treinar os profissionais de saúde para utilizarem esses mesmos métodos e, ainda, criar estratégias de intervenção, o que gera grandes dificuldades (Browne & Herbert, 1997).

E, o último nível de prevenção, são utilizadas técnicas quando a violência familiar já está estabelecida no sistema familiar, tendo como objetivo reduzir o risco de danos físicos e psicológicos, este tipo de intervenção é para ajudar a lidar e a controlar a violência, ao invés de preveni-la. Infelizmente, a prevenção terciária é a mais frequentemente utilizada (Browne & Herbert, 1997).

O trabalho preventivo, atualmente, centra-se na maneira de reduzir os fatores de risco que se encontram associados a problemas comportamentais, que envolvem tanto características individuais como também características das famílias em causa. Sendo que, de acordo com Gottfredson e Bauer (cit. por Doll, Bonzo, Sleet & Mercy, 2007), o foco das intervenções para a violência é a mudança comportamental de indivíduos, organizações ou comunidades. Então, intervém-se ao nível da sociedade (leis, políticas, normas culturais), ao nível da comunidade, ao nível da escola, da família e do indivíduo. Por exemplo, ao nível da sociedade, realizam-se campanhas sobre os *media* e os efeitos da exposição dos jovens à violência, através da televisão, computadores, filmes, videojogos, que têm sido uma preocupação há já algum tempo, pois as pesquisas realizadas têm mostrado que as crianças que estão expostas à violência através dos

*media* resulta num aumento temporário do comportamento agressivo (Huesmann & Eron, 1986; Paik & Comstock, 1994 cit. por Doll, Bonzo, Sleet & Mercy, 2007). No entanto, apesar destes estudos associarem a exposição a violência à existência de comportamentos agressivos por parte dos jovens, não existe nenhum estudo que tenha testado intervenções de maneira a reduzir essa exposição (Doll, Bonzo, Sleet & Mercy, 2007).

Muitos especialistas afirmam que a educação é a chave para a prevenção da violência doméstica porque consideram que ao exporem as suas causas poderá ajudar a compreender o impacto que detém e as suas consequências. Neste seguimento, a educação passa por consciencializar a população, alterar atitudes e comportamentos como também a aprender a criar capacidades a enfrentar a violência e prevenir a sua repetição (Direção-Geral da Saúde, 2003).

Torna-se essencial integrar a educação sobre esta problemática nos programas curriculares das escolas, fornecendo aos jovens estratégias de forma a evitar que a violência faça parte das suas vidas. Relativamente à realização de prevenção primária, o contexto escolar, pela variedade de público que engloba e pelas gerações presentes (sendo na sua maioria crianças e jovens), é considerado como um lugar privilegiado (Powell, Dahlberg, Friday, Mercier, Thornton & Crawford, 1996). A simples transmissão de conteúdos, através de livros, conferências e de alguma discussão nas salas de aula, não é suficiente para existir mudança nas crenças e nos valores. Segundo Powell et al. (1996), é importante articular com atividades práticas que envolvem as experiências de vida do quotidiano, de maneira a possibilitar novas aprendizagens de competências individuais e sociais como por exemplo, aprender a controlar os impulsos e sentimentos negativos, a preocupação com os outros, são aspetos importantes para o desenvolvimento de comportamentos mais tolerantes. Ou encontrar soluções alternativas para a resolução de problemas, ser responsável das suas decisões e gerir o stress e, ensinar determinadas capacidades cognitivas como pensar antes de agir, punindo comportamentos indesejados e recompensado o comportamento pretendido são outros exemplos apresentados por Gottfredson, Wilson e Nakaja (2002 cit. por Doll, Bonzo, Sleet & Mercy, 2007).

De acordo com a Direção-Geral da Saúde (2003), primeiramente, é fulcral proteger a segurança daqueles que se encontram em risco, a vítima necessita, de imediato, de assistência e de ajuda dos serviços indicados para este tipo de situações. A longo prazo, para a prevenção ser eficaz é necessário um acordo de alteração da sociedade e individualmente. Como já foi referido, a consciencialização pública é uma estratégia básica de prevenção, em que põe em

causa estereótipos e atitudes que se tornaram normas sociais. Esta consciencialização pode passar por campanhas de sensibilização que se centram nas causas e consequências. Servindo para abordar a incidência da violência doméstica, informar os locais onde se pode recorrer, promover ações para combater e resolver o problema, fornecer informação sobre o impacto a curto e a longo prazo e, quaisquer outras informações que se achem relevantes. Estas campanhas confrontam as tais atitudes e crenças que se encontram enraizadas na sociedade, como por exemplo a culpabilização dos progenitores e os conceitos sobre a vida em família. Tentam transmitir a maneira de viver sem violência, evidenciando condutas alternativas, ou seja, como resolver problemas sem utilizar a violência (Direção-Geral da Saúde, 2003).

Ao nível das famílias, consideram-se importantes intervenções para preparar os pais, através de uma “educação pré-natal e na primeira infância” (Olds, 1998 cit. por Doll, Bonzo, Sleet & Mercy, 2007). Webster-Stratton e Taylor (2001); Farrington e Welsh (2002) concluíram que este tipo de intervenção é eficaz para diminuir os problemas de comportamento infantil (cit. por Doll, Bonzo, Sleet & Mercy, 2007). De acordo com Reid, Eddy, Fetrow e Stollmiller (1991) uma interligação entre os interesses das famílias e dos professores é um programa de intervenção eficaz, na sala de aula realiza-se palestras e dramatização de papéis sobre habilidades sociais e a resolução de problemas, atividades em grupo e gratificações diárias; e, reuniões em grupo com os pais sobre o desenvolvimento de ambientes familiares saudáveis.

Powell et al. (1996) considera que os programas de prevenção primária envolvem diferentes públicos e estratégias. Em primeiro dirige-se aos estudantes, depois envolve também as famílias, dando ajuda e apoio a crianças e jovens que se encontram envolvidos em contextos de violência. De seguida trabalha-se em parceria com outras organizações e com a comunidade e, ainda os *media* e as leis.

Segundo a Direção-Geral da Saúde (2003), é relevante uma recolha de informação a nível nacional, pois contribui para o desenvolvimento de respostas completas, consistentes, divulgando áreas prioritárias comuns. Como também se adquire dados sobre a vítima e o agressor, assim como o contexto em que ocorre a violência doméstica.

Com o crescente aumento da violência em contexto familiar, nomeadamente a violência filiofamiliar, torna-se imperativo desenvolver políticas de prevenção de modo a combater esta problemática. No entanto, apesar de um aumento da literatura sobre este fenómeno, são quase inexistentes os programas de prevenção para este tipo de violência (Stewart, Wilkes, Jackson

& Manni, 2006). Para a implementação de estratégias preventivas é necessário o envolvimento de todos os intervenientes de modo a reduzir a agressividade vivida em torno do sistema familiar e romper com o tal ciclo de violência já abordado (Serra, 2013). As estratégias de prevenção são importantes pois servem para pôr fim à dinâmica do ciclo que se estabelece entre os filhos violentos e os progenitores, por isso, na violência filiofamiliar é importante trabalhar com os filhos e com os pais, pois ambos fazem parte desse ciclo. Também, é importante incluir a comunidade, de maneira a efetuar a prevenção primária, por exemplo, para modificar mentalidades no que respeita ao sentimento de vergonha e culpa pelos comportamentos agressivos dos filhos por parte dos progenitores (Serra, 2013). O facto de muitos dos progenitores que estão a viver esta problemática manterem-se em silêncio, devido ao tal sentimento de vergonha e o medo de serem julgados pela comunidade, torna-se um entrave para a prevenção (Menna & Tercero, 2010 cit. por Ribeiro, 2015).

## **2.5. Evidência Científica**

Tal como acontece nas outras formas de violência intrafamiliar as estatísticas são inferiores à real incidência da violência entre pais e filhos. Uma vez que muitos pais poderão ter vergonha de assumir que este fenómeno está presente nas suas casas e culpados por denunciarem o que se passa na sua realidade. Para manter a crença de que o contexto familiar é um lugar de harmonia e de proteção, evitam a discussão e o confronto, como também não denunciam que de momento sofrem violência por parte dos seus próprios filhos. Ainda, a falta de objetividade acerca do que é tolerável ou não por parte dos filhos contribui para manter tudo em segredo, tolerando níveis altos de agressividade (cit. por Patuleia, Alberto & Pereira, 2013; García, 2014). De forma a facilitar a compreensão face a este tipo de violência intrafamiliar, foi realizada uma análise de diversos estudos que abordam a violência filiofamiliar, como mostra a tabela abaixo.

*Tabela 1:* Estudos Científicos sobre a Violência Filiofamiliar

Nota-se que estes estudos pretendem compreender quais os fatores que poderão estar associados à existência de violência filiofamiliar. Ainda outra ideia que tem sido comum, em diversos estudos, é tentar perceber se existe relação entre o ter sido exposto a violência

Autores	Amostra	Resultados
Bergmann, Fischer e Möble, 2017	6, 444 alunos do 9ºano de escolaridade na Alemanha	Os adolescentes do sexo feminino tinham maior probabilidade de agredir verbalmente, enquanto que na violência física não foram encontradas diferenças de sexo. Apontam para a importância do contexto parental e, especialmente, práticas severas de disciplina para a ocorrência de violência filiofamiliar.
Calvete, Gamez-Guadix e Orue, 2014	1698 adolescentes (870 participantes do sexo masculino e 828 participantes do sexo feminino), com idades entre 12 e 17 anos	13, 7% dos adolescentes já tinham exercido violência física pelo menos uma vez contra os seus progenitores. A violência psicológica foi significativamente maior nas raparigas do que nos rapazes. Acontece mais contra a mãe (9,3%) do que contra os pais (7,2%).
Gámez-Guadix e Calvete, 2012	1.681 universitários	Mostram que as exposições a agressões psicológicas entre os pais estão associadas a uma maior frequência de violência filiofamiliar ao nível psicológico; por outro lado, as agressões psicológicas e físicas por parte dos pais contra os filhos, bem como a exposição a agressões físicas entre pais, estão relacionadas a maior violência filiofamiliar ao nível físico.
Contreras e Cano, 2015	90 adolescentes	Jovens que exerciam violência contra os seus pais teriam mais diagnósticos clínicos comparando aos jovens não agressores, revelando que 30% dos jovens do grupo de que eram violentos contra os seus pais apresentavam algum diagnóstico clínico, enquanto que os jovens não agressores não apresentaram nenhum diagnóstico clínico.
Ibabe e Jaureguizar, 2011	485 adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e 18 anos	A violência física é inferior à violência emocional e este é inferior à violência psicológica; os adolescentes são mais violentos com a mãe; ter sido vítima de violência pelos seus pais está associada positivamente com a violência filiofamiliar (tanto a física como a psicológica), especialmente nos filhos do sexo masculino.

intrafamiliar, como entre os pais ou por parte dos pais contra os filhos, e a ocorrência de agressões por parte dos filhos contra os pais.

Bergmann, Fischer e Möble (2017) realizaram um estudo com 6, 444 alunos do 9ºano na Alemanha, o objetivo do estudo é identificar, tanto na família como individualmente, os fatores de risco e de proteção e, investigar se a forma de violência difere entre rapazes e

raparigas. Os fatores considerados são o comportamento parental (violência física e verbal, calor e monitoramento) e características individuais (ideação suicida, autocontrole e o uso problemático de substâncias). Os resultados mostraram que as adolescentes tinham maior probabilidade de agredir verbalmente, enquanto que na violência física não foram encontradas diferenças entre os sexos. Também aponta a disciplina rigorosa e severa como uma influência para a ocorrência de violência filiofamiliar. Os resultados revelaram que as experiências de violência verbal e física vividas durante a infância pelos os adolescentes são fortes preditores de violência filiofamiliar.

O segundo estudo incluiu 1698 adolescentes com idades compreendidas entre 12 e 17 anos. Este estudo avaliou se fatores familiares, como a exposição à violência, a negligência emocional e o estilo permissivo, têm influência para o desenvolvimento da violência filiofamiliar física e psicológica. Verificando que 13,7% dos adolescentes já tinham exercido violência física; as raparigas exercem mais violência psicológica quando comparadas com os rapazes; e, ainda ocorre mais contra a mãe do que contra o pai. Observou-se que baixos níveis de afeto e comunicação se associam a todas as formas de violência filiofamiliar, como também testemunhar violência familiar foi associado à violência física contra as mães e associado à violência psicológica contra ambos os progenitores. E, por último, o estilo permissivo foi relacionado à agressão psicológica por parte dos filhos contra os pais, mas não fisicamente (Calvete, Gámez-Guadix & Orue, 2014).

Também, em 2012, Gamez-Guadix e Calvete, com um total de 1681 universitários, procuraram analisar se existe relação entre a exposição a diferentes formas de violência doméstica e examinar as possíveis diferenças em função do sexo dos filhos. Os resultados mostraram que tanto a exposição à violência psicológica entre os pais como a violência psicológica dos pais contra os filhos se associaram com uma maior frequência de ocorrer violência filiofamiliar psicológica. Por outro lado, a violência psicológica e física, por parte dos pais a filhos, assim como a exposição à violência física se relacionaram com uma maior frequência do desenvolvimento de violência filiofamiliar física; não existindo diferenças significativas entre o sexo dos participantes.

De revelar ainda o estudo realizado por Contreras e Cano (2015), com 90 adolescentes, que tem como objetivo explorar se jovens violentos diferem de jovens não violentos ao nível da presença de diagnósticos clínicos relatados pelos pais. Os resultados revelaram que 30% dos

jovens do grupo de que eram violentos contra os seus pais apresentavam algum diagnóstico clínico, enquanto que os jovens não agressores não apresentaram nenhum diagnóstico.

Em 2012, Ibabe e Jaureguizar, efetuaram um estudo com 485 adolescentes com 12 e 18 anos de idade. O objetivo principal é perceber as diferenças de sexo dos perpetradores de violência filiofamiliar e, ainda a importância da família intrafamiliar no desenvolvimento de comportamentos violentos dos filhos contra os seus progenitores. Os resultados mostraram que a violência física é inferior à violência psicológica; os adolescentes exercem mais violência contra a mãe; a violência exercida pelos pais contra os filhos está associada positivamente com a violência filiofamiliar (tanto a física como a psicológica), principalmente nos filhos do sexo masculino.

Como a informação sobre a problemática violência filiofamiliar até então não ser consonante e ser apenas, na sua maioria, dirigida aos jovens até aos 18 anos de idade, o presente estudo irá tentar concentrar e organizar algum conhecimento, e dar atenção às razões que os jovens dão para explicar as condutas violentas, centrando em perpetradores com idades entre os 18 e os 25 anos de idade. Neste sentido, com esta investigação pretende-se estudar a incidência da violência filiofamiliar nestas idades pois é considerado um período de desenvolvimento e, os jovens, ainda se encontram dependentes dos progenitores. Como também tentar perceber se os jovens que exercem violência filiofamiliar apresentam determinadas características e aspetos. E ainda, explorar se a violência filiofamiliar é bidirecional, ou seja, perceber se os jovens que testemunharam ou foram vítimas de violência doméstica exercem violência filiofamiliar.

É de extrema importância estudar este fenómeno em Portugal, de forma a que a população portuguesa o conheça melhor e, os profissionais de saúde, de modo a serem implementadas medidas de prevenção tanto com os jovens que têm esse tipo de comportamentos como com os seus progenitores e, a sociedade. Ainda, fazer com que os progenitores não se sintam sozinhos e culpados, e que peçam ajuda se estiverem a passar por este tipo de situações, não sentindo qualquer vergonha.

Neste mesmo sentido, o presente estudo tem como questões de investigação:

- 1) Qual a incidência da violência filiofamiliar no total de participantes e, como varia em relação ao sexo?

- 2) Qual a forma de violência, física e psicológica, que predomina e será que variam em função do sexo dos jovens?
- 3) Será que as vítimas são majoritariamente as mães e será que as formas de violência (física e psicológica) varia em função de ser pai ou mãe?
- 4) Será que o desenvolvimento de violência filiofamiliar varia em função dos jovens terem ou não sofrido de forma direta e indireta violência e será que varia em função do sexo?
- 5) Será que o consumo de substâncias está associado à violência filiofamiliar?
- 6) Será que a presença de problemas psicológicos influencia os jovens a terem comportamentos agressivos?
- 7) Será que existem diferenças na ocorrência de agressões por parte dos filhos contra os pais nos vários tipos de família (família nuclear, família monoparental, nova família e divórcio)?
- 8) Será que existem diferenças entre o estatuto económico na incidência de violência filiofamiliar?
- 9) Quais os motivos principais que os jovens relatam para a ocorrência de violência contra os seus progenitores?

## **3. Metodologia**

### **3.1. Objeto de Estudo**

O objeto de estudo desta investigação procura perceber se certas características e comportamentos, como o consumo de substâncias, a presença de problemas psicológicos, como também o estatuto económico e o agregado familiar, estão associados aos jovens que exercem violência filiofamiliar. Sendo dirigido a jovens entre os 18 e os 25 anos de idade, com o intuito de perceber a incidência da violência filiofamiliar entres estas idades, já que todos a maioria dos estudos se centra em idades entre os 15 e os 18 anos. Procura-se ainda explicar se os jovens

que testemunharam direta ou indiretamente violência doméstica exercem violência filio-parental. É de extrema importância estudar este fenómeno pelo aumento da incidência, de forma a que a população o conheça melhor, de modo a serem executadas medidas de prevenção. Ainda, responsabilizar ambas as partes, fazer com que os pais não se sintam sozinhos e culpados, e que peçam ajuda se estiverem a passar por este tipo de situações.

### **3.2. Participantes**

Para o presente estudo foi recolhida uma amostra de 176 participantes de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos de idade, pois é um período de desenvolvimento considerado “intermediário” em que os jovens não são considerados crianças, mas ainda não são aceites como adultos, neste sentido, muitos jovens com essas idades ainda vivem com os seus progenitores, sendo dependentes economicamente. Sendo que os participantes diferem nas várias características, como o agregado familiar, o estatuto económico, aspetos sociodemográficos e familiares, obtendo o maior número de participantes para análise e enriquecendo os resultados. Não existindo qualquer critério de exclusão.

### **3.3. Delineamento**

A presente investigação tem como finalidade conhecer características específicas da violência filio-parental, sendo por isso considerado um estudo descritivo (Maroco, 2010). A metodologia escolhida para o desenvolvimento do estudo teve como base uma abordagem quantitativa de carácter exploratório e correlacional pois permite correlacionar variáveis (Hill & Hill, 2000).

O tipo de amostra utilizada é independente, não-aleatória, obtida através de um processo de amostragem por conveniência, especificamente através técnica de snowball (bola de neve), no qual o primeiro participante voluntário sugere o questionário a outros elementos, que por sua vez recomendam outros possíveis participantes e assim sucessivamente, o que irá possibilitar o crescimento da amostra de forma exponencial.

### **3.4. Procedimento**

Esta investigação recorreu do questionário “The Child-to-Parents Aggression Questionnaire”, elaborado por Calvete, Gámez-Guadix, Orue, Gonzalez-Diez, Lopez de Arroyabe, Sampedro, Pereira, Zubizarreta e Borrajo em 2013. Primeiramente foi realizado um pedido de autorização para a utilização do questionário a uma das autoras da escala, tendo sido aceite. De seguida, foi realizada a tradução do instrumento “Child-to-Parent Aggression Questionnaire” (CAPQ) para português, pois o questionário ainda não foi adaptado para a população portuguesa. Neste sentido, utilizou-se o método de Retroversão, ou seja, procedeu-se à tradução para português, de seguida, o que foi traduzido voltou-se a traduzir para a língua original. É de referir que foi feito um esforço para que a versão traduzida fosse o mais fiel possível à versão original.

Para se conseguir obter o número de participantes necessários, o questionário foi aplicado em formato online através da plataforma “Google Docs”, visto ser um método que assegura tanto o anonimato dos participantes, como também protege a veracidade das respostas, no sentido em que é mais provável que os participantes respondam com sinceridade se não estiverem com um investigador ao pé. Onde primeiramente, foram apresentadas questões demográficas onde se pretende obter informações específicas sobre os participantes, tais como, a idade, o sexo, as habilitações literárias, o estatuto económico, entre outras. De seguida, questões que possibilita recolher informações referentes a características das famílias dos inqueridos e, ainda duas questões referentes ao consumo de substâncias (drogas e álcool) e à presença de algum tipo de problema ou doença psicológica. A divulgação do questionário será através de contactos pessoais, pedindo aos mesmos que também a divulgassem através das suas plataformas digitais, e assim sucessivamente.

Após a recolha dos dados, com a utilização do programa Statistical Package for the Social Science (SPSS), realizou-se a análise dos mesmos.

### **3.5. Instrumentos**

O questionário “Child-to-Parent Aggression Questionnaire” (CAPQ), que tem como finalidade perceber se existe algum tipo de violência por parte de filhos adolescentes e jovens contra os seus pais, ou seja, tem a finalidade de avaliar a agressão de um filho adolescente ou jovem para com os seus pais, tanto a nível físico como a nível psicológico.

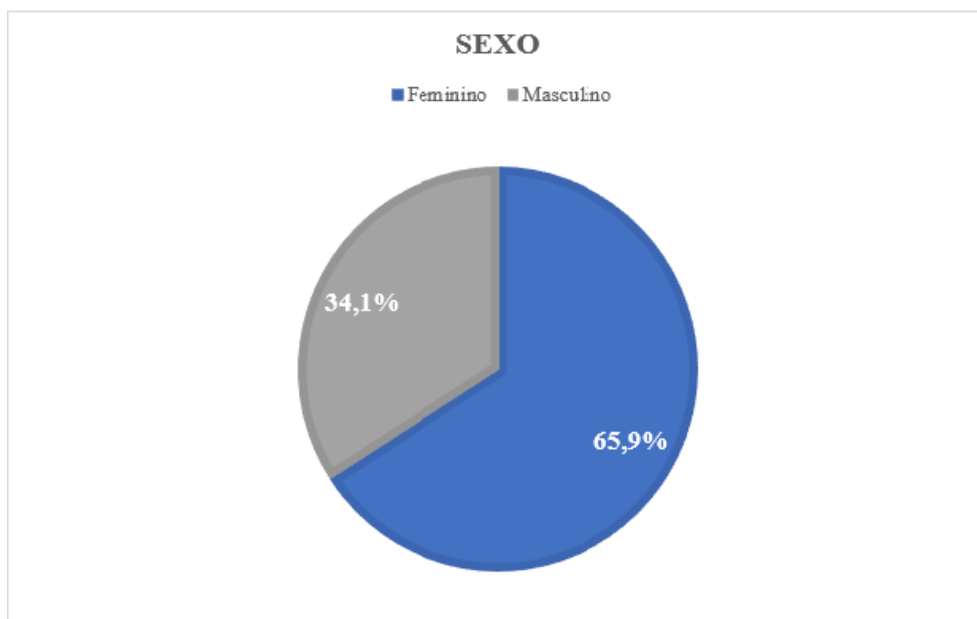
Foi criado em 2013, por Calvete, Gámez-Guadix, Orue, Gonzalez-Diez, Lopez de Arroyabe, Sampedro, Pereira, Zubizarreta e Borrajo, sendo traduzido para português, versão esta utilizada no presente estudo. É um questionário de autopreenchimento, constituído por 10 itens, onde são referentes à mãe e ao pai; 7 itens que descrevem a agressão psicológica, como “Gritaste com a tua mãe/o teu pai quando estavas zangado/o” ou “Insultaste ou ofendeste a tua mãe/o teu pai” e 3 descrevem a agressão física como “Empurraste ou bateste na tua mãe/no teu pai durante uma discussão” ou “Deste pontapés ou murros na tua mãe/no teu pai”. Os participantes são solicitados a indicar com que frequência eles realizaram cada um dos comportamentos contra o seu pai e a sua mãe, utilizando uma escala de likert de 4 pontos: 0 corresponde a “Nunca”, 1 a “Raramente”, 2 a “Algumas vezes” e, por último, 3 que corresponde a “Muitas vezes”. Além disso, apresenta duas questões abertas para os participantes explicarem os motivos desses atos agressivos contra a mãe e/ou o pai.

## **4. Análise dos Resultados**

Para facilitar a leitura, de seguida, realizou-se a análise dos resultados, onde se encontra descrita a incidência da violência filio-parental e algumas das suas particularidades, sendo a respetiva discussão, onde se irá interpretar os resultados e ver a ligação com a revisão de literatura efetuada, apresentada no seu seguimento. Assim, antes desta análise é importante referir que as respostas obtidas através do questionário foram trabalhadas no programa SPSS (Statistical Package for the Social Science).

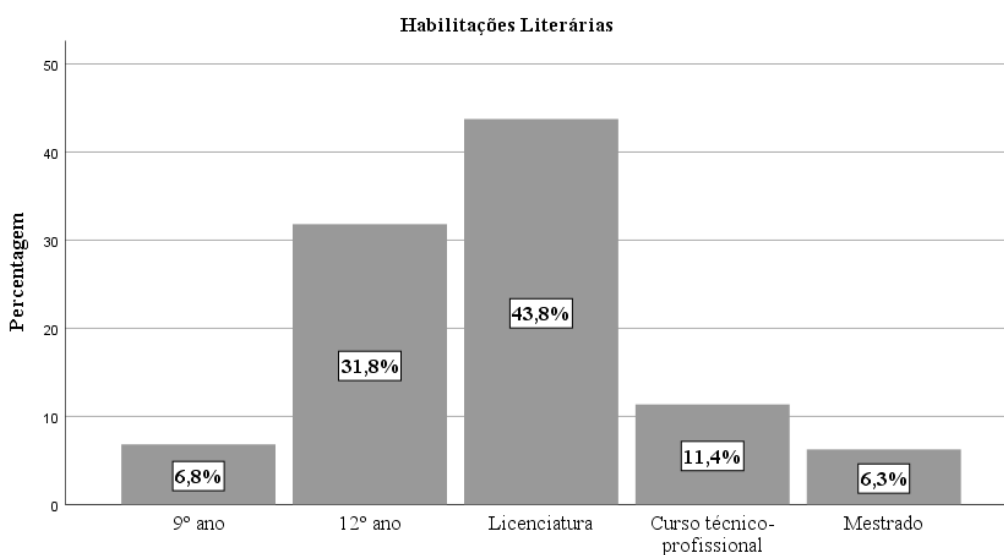
### **4.1. Dados Descritivos**

O presente estudo é constituído por 176 participantes de ambos os sexos, 116 do sexo feminino (65,9%) e 60 do sexo masculino (34,1%) (Figura 1), com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos e uma média de 22 (DP=2,109).



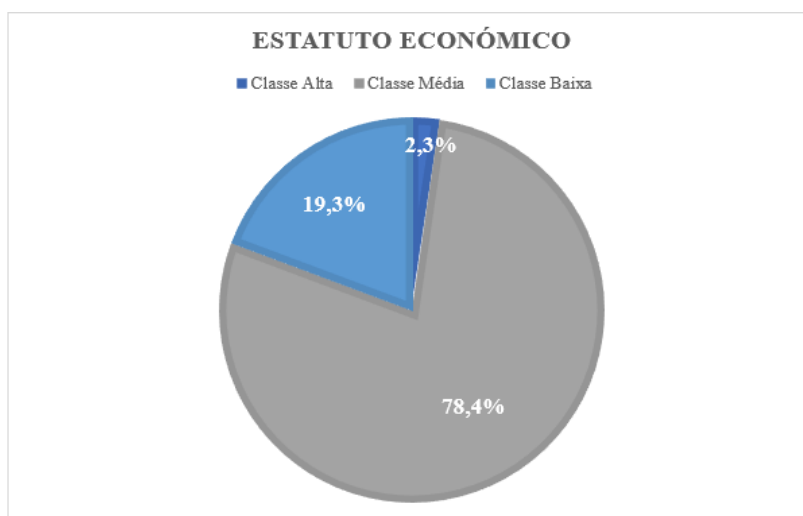
**Figura 1:** Caracterização dos participantes em termos da sua utilização quanto ao sexo

No que diz respeito às habilitações literárias dos participantes, 77 (43,8%) frequenta a licenciatura e 56 (31,8%) o 12º ano. O 9º ano e o mestrado são os menos representados, com 12 (6,8%) e 11 (6,3%) participantes, respetivamente. O curso técnico-profissional apresenta 20 dos participantes, correspondendo em percentagem a 11,4 % (Figura 2).



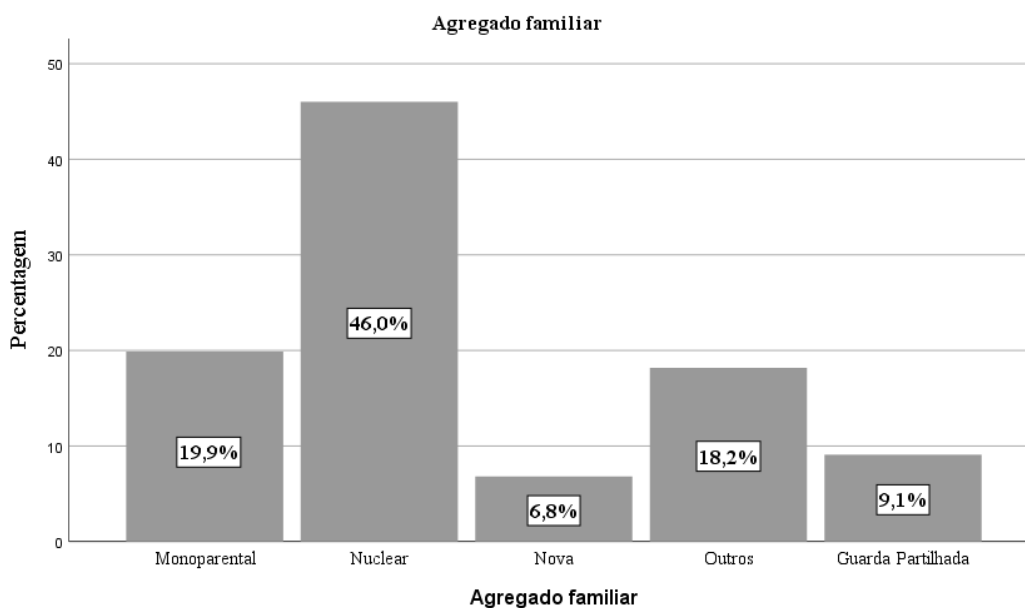
**Figura 2:** Caracterização dos participantes em termos das suas habilitações literárias

Quanto ao estatuto económico, verifica-se que os jovens pertencem, maioritariamente, à classe média, representando 138 (78,4%) do total de participantes. De seguida, 34 fazem parte da classe baixa, representando em percentagem 19,3%, sendo a menos representada a classe alta com 4 (2,3%) participantes (Figura 3).



**Figura 3:** Caracterização dos participantes quanto ao seu estatuto económico

No que diz respeito ao agregado familiar verifica-se que 46% (N=81) dos participantes vivem com a mãe e o pai (família nuclear), 19,9% (N=35) apresentam uma família monoparental, ou seja, ou vivem só com o pai ou só com a mãe. Enquanto que 18,2% (N=32) responderam que vivem sozinhos por estarem a estudar fora de casa, ainda 9,1% (N=16) dos jovens descreveram que apesar dos pais estarem divorciados têm guarda partilhada e, apenas 6,8% (N=12) vivem numa família reconstruída (família nova) (Figura 4).



*Figura 4:* Caracterização do agregado familiar dos participantes

## 4.2. Incidência da violência filio-parental

Depois de todos os dados recolhidos foi realizada a respetiva análise, organizando os dados em tabelas. Primeiramente, a Tabela 2 indica a incidência da violência filio-parental entre os 176 participantes e a incidência da violência em relação ao sexo:

Tabulação cruzada Sexo * Inci_Total_r					
Sexo			Inci_Total_r		Total
			sem incidência	com incidência	
Feminino	Contagem		105	11	116
	% em Sexo		90,5%	9,5%	100,0%
	% em Inci_Total_r		66,9%	57,9%	65,9%
Masculino	Contagem		52	8	60
	% em Sexo		86,7%	13,3%	100,0%
	% em Inci_Total_r		33,1%	42,1%	34,1%
Total	Contagem		157	19	176
	% em Sexo		89,2%	10,8%	100,0%
	% em Inci_Total_r		100,0%	100,0%	100,0%

*Tabela 2:* Incidência da violência filio-parental no que diz respeito ao sexo

Os dados da Tabela 2 mostram que a incidência da violência filiofamiliar é de 10,8% o que corresponde à frequência absoluta de 19 indivíduos, destes 19 participantes que exercem violência filiofamiliar 11 são do sexo feminino o que corresponde a uma percentagem de 57,9% e 8 dos indivíduos que exercem violência filiofamiliar são do sexo masculino o que corresponde a uma percentagem de 42,1%. No entanto, os dados apresentados neste estudo são apenas relativos a esta população específica, que exerceram algum tipo de violência contra os seus pais. Ainda, para perceber se existem diferenças relativamente ao sexo realizou-se um Qui-Quadrado (Anexo 4), observando que não existem diferenças significativas entre o sexo feminino e sexo masculino ( $X^2(1) = 0,435$ ;  $N = 176$ ).

### 4.3. Ocorrência da violência filiofamiliar

Nesta investigação torna-se importante esclarecer alguns aspetos dos participantes que exercem violência filiofamiliar. Neste sentido, na Tabela 3 serão apresentados dados sobre o seu estatuto económico:

		Tabulação cruzada Estatuto Económico * Inci Total r			
		Inci Total r		Total	
		sem incidência	com incidência		
Estatuto Económico	Classe Alta	Contagem	4	0	4
		% em Estatuto Económico	100,0%	0,0%	100,0%
		% em Inci_Total_r	2,5%	0,0%	2,3%
	Classe Média	Contagem	128	10	138
		% em Estatuto Económico	92,8%	7,2%	100,0%
		% em Inci_Total_r	81,5%	52,6%	78,4%
	Classe Baixa	Contagem	25	9	34
		% em Estatuto Económico	73,5%	26,5%	100,0%
		% em Inci_Total_r	15,9%	47,4%	19,3%
Total	Contagem	157	19	176	
	% em Estatuto Económico	89,2%	10,8%	100,0%	
	% em Inci_Total_r	100,0%	100,0%	100,0%	

*Tabela 3:* Caracterização do estatuto económico dos participantes que exercem violência

Dos participantes que têm comportamentos violentos contra os seus progenitores, 52,6% pertencem à classe média e 47,4% à classe baixa, sendo que nenhum dos jovens

pertence à classe alta. Sendo assim, a classe média apresenta uma incidência maior, comparativamente às outras classes, de participantes que exercem violência filiofamiliar. Perante os valores obtidos pela realização de um qui-quadrado (Anexo 5) existem diferenças significativas da incidência de violência entre o estatuto económico ( $X^2(1) = 0,04$ ;  $N = 176$ ).

No que diz respeito ao agregado familiar dos participantes que praticam violência contra os seus pais, ou seja, a Tabela 4 procura perceber o tipo de família em que a violência filiofamiliar predomina:

<b>Tabulação cruzada Agregado familiar * Inci_Total_r</b>					
			Inci_Total_r		
			sem	com	
			incidência	incidência	Total
Agregado familiar	Monoparental	Contagem	32	3	35
		% em Agregado familiar	91,4%	8,6%	100,0%
		% em Inci_Total_r	20,4%	15,8%	19,9%
	Nuclear	Contagem	71	10	81
		% em Agregado familiar	87,7%	12,3%	100,0%
		% em Inci_Total_r	45,2%	52,6%	46,0%
	Nova	Contagem	12	0	12
		% em Agregado familiar	100,0%	0,0%	100,0%
		% em Inci_Total_r	7,6%	0,0%	6,8%
	Outros	Contagem	29	3	32
		% em Agregado familiar	90,6%	9,4%	100,0%
		% em Inci_Total_r	18,5%	15,8%	18,2%
Guarda Partilhada	Contagem	13	3	16	
	% em Agregado familiar	81,3%	18,8%	100,0%	
	% em Inci_Total_r	8,3%	15,8%	9,1%	
Total	Contagem	157	19	176	
	% em Agregado familiar	89,2%	10,8%	100,0%	
	% em Inci_Total_r	100,0%	100,0%	100,0%	

**Tabela 4:** Percentagens dos participantes que exercem violência quanto ao seu agregado familiar

Verifica-se que 52,6% representam a família nuclear, isto é, vivem com ambos os pais. Enquanto que, 15,8% dos jovens representam a família monoparental, ou seja, ou vive com o pai ou com a mãe, 15,8% dos participantes que exercem violência filiofamiliar afirmaram que no momento atual vivem sozinhos por estarem a estudar fora do seu local de residência. Ainda,

15,8% representam a guarda partilhada, isto é, vivem tanto com a mãe e o pai, mas estes encontram-se divorciados/separados, o que significa que durante determinado tempo vivem com a mãe e outro tempo vivem com o pai e, nenhum participante vive numa nova família. Pela realização de um qui-quadrado (Anexo 6) não existem diferenças significativas da incidência de violência entre o agregado familiar ( $X^2 (1,4) = 0,566; N = 176$ ).

De seguida, foi realizada a análise relativamente às formas de violência, violência física e violência psicológica, a Tabela 5 mostra a forma de violência que impera:

		<b>Estatísticas</b>		
		<b>Incidência Física</b>	<b>Incidência Psicológica</b>	<b>Incidência Total</b>
N	Válido	176	176	176
	Omisso	0	0	0
Média		,1241	,6254	,4750
Mínimo		,00	,00	,00
Máximo		1,33	1,86	1,70

*Tabela 5:* Incidência das formas de violência

De acordo com a Tabela 5, os resultados indicam que é a violência psicológica que predomina, em que o valor máximo é de 1,86, enquanto que a violência física obtém um valor máximo de 1,33, pois os valores até 0,99 representam “sem incidência” de violência filiofamiliar e os valores que variam entre 1 e 3 representam “com incidência” de violência filiofamiliar.

De seguida realizou-se a incidência de cada forma de violência em ambos os sexos, a Tabela 6 e 7 mostram a incidência do sexo na violência psicológica e na violência física, respetivamente:

Tabulação cruzada Sexo * Inci_Psic_r					
Sexo			Inci_Psic_r		Total
			sem incidência	com incidência	
Feminino	Contagem		92	24	116
	% em Sexo		79,3%	20,7%	100,0%
	% em Inci_Psic_r		68,7%	57,1%	65,9%
Masculino	Contagem		42	18	60
	% em Sexo		70,0%	30,0%	100,0%
	% em Inci_Psic_r		31,3%	42,9%	34,1%
Total	Contagem		134	42	176
	% em Sexo		76,1%	23,9%	100,0%
	% em Inci_Psic_r		100,0%	100,0%	100,0%

**Tabela 6:** Incidência da violência psicológica quanto ao sexo

Verificando, a partir da Tabela 6, 57,1% dos participantes que exerce violência psicológica são do sexo feminino e 42,9% do sexo masculino. Através da realização do Qui-Quadrado (Anexo 7) verificou-se que não existem diferenças significativas entre o sexo relativamente à incidência de violência psicológica ( $X^2(1) = 0,170$ ;  $N = 176$ ).

Tabulação cruzada Sexo * Inci_F_r					
Sexo			Inci_F_r		Total
			sem incidência	com incidência	
Feminino	Contagem		112	4	116
	% em Sexo		96,6%	3,4%	100,0%
	% em Inci_F_r		67,5%	40,0%	65,9%
Masculino	Contagem		54	6	60
	% em Sexo		90,0%	10,0%	100,0%
	% em Inci_F_r		32,5%	60,0%	34,1%
Total	Contagem		166	10	176
	% em Sexo		94,3%	5,7%	100,0%
	% em Inci_F_r		100,0%	100,0%	100,0%

**Tabela 7:** Incidência da violência física quanto ao sexo

Relativamente à incidência do sexo na violência física (Tabela 7), 40% são do sexo feminino e 60% do sexo masculino, verificando também que não existem diferenças significativas entre o sexo no que diz respeito à incidência de violência física após a realização do Qui-Quadrado (Anexo 8) ( $X^2(1) = 0,075$ ;  $N = 176$ ).

No que diz respeito às vítimas, procurou-se perceber se os jovens perpetradores apresentam mais comportamentos violentos contra o pai ou contra a mãe. A tabela seguinte (Tabela 8) mostra a incidência de violência filiofamiliar contra os pais:

<b>Tabulação cruzada Incid_Pai_r * Inci_Total_r</b>			Inci Total r		Total
			sem incidência	com incidência	
Incid_Pai_r	sem incidência	Contagem	147	5	152
		% em Incid_Pai_r	96,7%	3,3%	100,0%
		% em Inci_Total_r	93,6%	26,3%	86,4%
	com incidência	Contagem	10	14	24
		% em Incid_Pai_r	41,7%	58,3%	100,0%
		% em Inci_Total_r	6,4%	73,7%	13,6%
Total	Contagem	157	19	176	
	% em Incid_Pai_r	89,2%	10,8%	100,0%	
	% em Inci_Total_r	100,0%	100,0%	100,0%	

*Tabela 8:* Violência contra o pai

Os resultados da Tabela 8 indicam que dos participantes que praticam violência contra os seus progenitores, 73,7% exercem violência contra o pai. A tabela seguinte diz respeito à incidência de violência filiofamiliar contra as mães:

<b>Tabulação cruzada Incid_Mãe_r * Inci_Total_r</b>			Inci Total r		Total
			sem incidência	com incidência	
Incid_Mãe_r	sem incidência	Contagem	148	4	152
		% em Incid_Mãe_r	97,4%	2,6%	100,0%
		% em Inci_Total_r	94,3%	21,1%	86,4%
	com incidência	Contagem	9	15	24
		% em Incid_Mãe_r	37,5%	62,5%	100,0%
		% em Inci_Total_r	5,7%	78,9%	13,6%
Total	Contagem	157	19	176	
	% em Incid_Mãe_r	89,2%	10,8%	100,0%	
	% em Inci_Total_r	100,0%	100,0%	100,0%	

*Tabela 9:* Violência contra a mãe

A partir da Tabela 9 pode-se verificar que 78,9% apresenta comportamentos agressivos contra a sua mãe.

#### 4.4. Consumo de substâncias e problemas psicológicos

O principal objetivo centra-se em compreender se os jovens, que exercem violência contra ambos os progenitores, estavam sob efeito de algum tipo de substância. Neste sentido, verificados os pressupostos da normalidade e da homogeneidade de variâncias, mas como a variável dependente “Não” não segue distribuição normal, deve-se utilizar o teste de Levene baseado na mediana (Anexo 9). Posto isto foi utilizado o Teste T-Student obtendo os seguintes valores (Tabela 10):

		Teste de amostras independentes								
		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias					95% Intervalo de Confiança da Diferença	
		Z	Sig.	t	Df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	Inferior	Superior
Incidência Total	Variâncias iguais assumidas	,337	,562	2,077	174	,039	,24485	,11786	,01222	,47747
	Variâncias iguais não assumidas			2,091	11,396	,060	,24485	,11708	-,01175	,50145

p-value < 0,05

Tabela 10: Teste T-Student para consumo de substâncias

A partir desta análise, os resultados da Tabela 10 mostram que não há diferenças significativas entre os participantes que tinham consumido substâncias e os que não tinham consumido substâncias no que diz respeito a terem comportamentos violentos contra os seus progenitores ( $T(1) = 0,138$ ;  $p = 0,06$ ).

De seguida, procurou-se perceber se os jovens que exercem violência contra ambos os progenitores apresentam algum tipo de problema psicológico. Como, mais uma vez, se verificou os pressupostos de normalidade e homogeneidade de variâncias, no entanto, pode-se observar que a variável dependente “Não” não segue uma distribuição normal, deve-se utilizar o teste de Levene baseado na mediana (Anexo 10), neste sentido foi utilizado o Teste T-Student (Tabela 11):

Teste de amostras independentes										
		Teste de Levene para igualdade de variâncias				teste-t para Igualdade de Médias			95% Intervalo de Confiança da Diferença	
		Z	Sig.	T	Df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	Inferior	Superior
Incidência Total	Variâncias iguais assumidas	,037	,848	,651	174	,516	,06531	,10034	-,13273	,26336
	Variâncias iguais não assumidas			,711	18,918	,486	,06531	,09190	-,12709	,25772

p-value < 0,05

Tabela 11: Teste T-Student para problemas psicológicos

Após a aplicação do teste, os dados obtidos na Tabela 11 indicam que não há diferenças significativas entre os participantes que apresentam problemas psicológicos e os que não apresentam no que diz respeito a terem comportamentos violentos contra os seus progenitores (T (1) = 0,039; p = 0,486).

#### 4.5. Correlação entre violência doméstica e violência filiofamiliar

O objetivo que se segue é perceber se os jovens que testemunharam violência doméstica são os jovens que exercem violência filiofamiliar, neste sentido como o teste paramétrico ANOVA é robusto a ligeiros desvios à normalidade efetua-se uma ANOVA Two-way paramétrica (Tabela 12):

Testes de efeitos entre sujeitos					
Variável dependente: Incidência Total					
Origem	Tipo III Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F	Sig.
Modelo corrigido	2,343*	3	,781	5,789	,001
Intercepto	37,567	1	37,567	278,487	,000
Testemunhar violência	2,037	1	2,037	15,100	,000
Sexo	,008	1	,008	,062	,804
Testemunhar violência *	,002	1	,002	,018	,893
Sexo					
Erro	23,202	172	,135		
Total	65,255	176			
Total corrigido	25,545	175			

p-value < 0,05

Tabela 12: ANOVA Two-Way - Testemunhar violência

Após a aplicação da ANOVA Two-way, pode-se concluir que os participantes terem testemunhado violência tem um efeito estatisticamente significativo na variável violência filiofamiliar ( $F(1,3) = 15,100$ ;  $p = 0$ ), contudo, verificou-se que testemunhar violência e exercer violência contra os seus progenitores não varia em função do sexo, ou seja, não se encontraram diferenças entre o sexo masculino e o feminino ( $F(1,3) = 0,018$ ;  $p = 0,893$ ).

O mesmo se realizou para perceber se os jovens terem sido vítimas de violência influencia o facto de eles exercerem violência filiofamiliar, onde também o teste paramétrico ANOVA é robusto a ligeiros desvios à normalidade efetuando uma ANOVA Two-way paramétrica (Tabela 13):

Testes de efeitos entre sujeitos					
Variável dependente: Incidência Total					
Origem	Tipo III Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F	Sig.
Modelo corrigido	1,195 <sup>a</sup>	3	,398	2,814	,041
Intercepto	35,432	1	35,432	250,280	,000
Vítima de violência	1,095	1	1,095	7,731	,006
Sexo	,104	1	,104	,737	,392
Vítimadeviolência * Sexo	,255	1	,255	1,798	,182
Erro	24,350	172	,142		
Total	65,255	176			
Total corrigido	25,545	175			

a. R. Quadrado = ,047 (R. Quadrado Ajustado = ,030)

p-value < 0,05

*Tabela 13: ANOVA Two-Way - Ter sido vítima de violência*

Com a aplicação deste teste pode-se concluir que os participantes terem sido vítimas de violência não tem um efeito estatisticamente significativo na variável violência filiofamiliar ( $F(1,3) = 7,731$ ;  $p = 0,06$ ), contudo, verificou-se que não se encontram diferenças entre o sexo masculino e feminino ( $F(1,3) = 1,798$ ;  $p = 0,182$ ).

## 5. Discussão

A presente investigação foi realizada com o objetivo de perceber a incidência da violência filiofamiliar em jovens com idades entre os 18 e os 25 anos. Como também, se os jovens exercerem violência filiofamiliar estão associadas a certas características e comportamentos, o estatuto económico a que pertencem, como é constituído o agregado

familiar, se consomem substâncias ou apresentam algum tipo de problemas psicológicos; e se testemunharam indireta ou diretamente violência no seu contexto familiar.

Neste mesmo sentido, em relação à primeira questão de investigação – Qual a incidência da violência filio-parental no total de participantes e como varia em relação ao sexo-, pode-se observar através dos dados obtidos que 10,8% (N=19 indivíduos) dos participantes no estudo exerceram violência contra os seus progenitores, em que 57,9% corresponde ao género feminino e 42,1% ao género masculino.

De salientar que, os vários autores que estudam esta problemática centram-se, na sua maioria, na adolescência, por exemplo, em 2004, Cottrel e Monk realizaram um estudo onde verificaram que os jovens exercem violência contra os seus progenitores em idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos, mas apenas se centraram nestas idades, como também Coogan em 2011, que acrescenta que isso acontece porque é um período de grande tensão e conflitos com a autoridade parental pois nestas idades os jovens procuram ter autonomia.

A maioria dos autores centram-se nestas idades, no entanto, os pioneiros deste tipo de violência, Harbin e Madden em 1979 referiram que os perpetradores além de adolescentes podem ser jovens adultos, aumentando o limite de idade, para os 24 anos de idade. A partir deste estudo, em 2006, uma investigação por Pérez e Pereira consideraram que esse período de alta tensão pode ir até aos 24 anos de idade. Estes estudos vão de encontro com a presente investigação, pois também consideram que seria importante pois os jovens com estas idades ainda dependem dos seus pais e, ainda estão num período de desenvolvimento e de grandes mudanças, sendo um período de passagem para a idade adulta.

A segunda questão de investigação deste estudo que pretende averiguar qual a forma de violência, física e psicológica, que predomina e se variam em função do sexo, podendo-se verificar com os resultados adquiridos que é a violência psicológica. Ainda, concluiu-se que é o sexo feminino que exerce mais violência psicológica comparativamente ao sexo masculino, com 57,1% e 42,9%, respetivamente, enquanto que o sexo masculino (60%) exerce mais violência física que o sexo feminino (40%).

De acordo com os vários estudos realizados, por exemplo, Calvete, Orue, Bertino, Gonzalez, Montes, Padilla e Pereira em 2014, referiram que a forma de violência física contra os pais varia entre os 5% e 21% e a violência psicológica varia entre os 33% e 93%. Ainda,

Bergmann, Fischer e Möble em 2017 realizaram um estudo em que os resultados mostraram que os adolescentes do sexo feminino tinham maior probabilidade de exercer violência psicológica, enquanto que para a violência física não foi encontrada nenhuma diferença entre os sexos. Como também num estudo feito por Calvete, Gamez-Guadix e Orue em 2014, que indicaram que a violência psicológica é mais exercida pelas raparigas do que pelos rapazes. De um modo geral, é possível observar que os perpetradores exercem mais violência psicológica do que violência física e, que os jovens do sexo feminino exercem mais violência psicológica comparativamente aos jovens do sexo masculino, enquanto que a violência física é mais efetuada pelos jovens do sexo masculino, indo no mesmo sentido no que já foi referido ao longo do estudo.

A terceira questão, como referido anteriormente, pretendia analisar se as mães são, predominantemente, as vítimas. A partir dos resultados encontrados e a sua respetivamente análise verificou-se que 73,7% dos participantes exercem violência contra o pai e 78,9% contra a mãe.

A maioria dos estudos realizados, como por exemplo, Ibabe e Jaureguizar em 2012, Calvete, Gamez-Guadix e Orue em 2014, indicam que os jovens são mais violentos contra as mães do que contra os pais. O que vai de encontro ao já referido nesta investigação, ambos os estudos vêm confirmar esta questão de investigação, no entanto, não são diferentes significativamente.

No que diz respeito à questão de investigação - será que o desenvolvimento de violência filio-parental (física, psicológica) varia em função dos participantes terem ou não sofrido de forma direta e indireta violência e será que varia em função do sexo – com os resultados e à sua respetiva análise observou-se que os participantes, de ambos os sexos, terem testemunhado tem influencia em ter comportamentos violentos contra os seus progenitores, contudo, não se verificou essa influencia enquanto terem sido vítimas de violência.

Um estudo conduzido por Boxer, Gullan e Mahoney em 2009, verificou que os jovens que fazem parte de famílias não violentas apenas 25% apresentavam sinais de violência filio-parental, enquanto que os jovens que se desenvolveram em contextos violentos, 75% apresentavam comportamentos violentos contra os seus progenitores. Como também um estudo recente realizado em 2016 por Contreras e Cano onde compararam jovens que são violentos com os seus pais e jovens que não são em relação à exposição à violência em casa. Neste

sentido, os resultados obtidos nesta investigação vão ao encontro do que tem sido descrito ao longo da presente investigação, concluindo que a violência familiar é um aspeto influente na violência por parte dos jovens contra os seus pais, mostrando ser importante intervir no contexto familiar e não apenas individualmente. No entanto, não é razão suficiente para compreender e muitos menos deve ser utilizada como uma justificação desculpável dos comportamentos que os jovens adotam face aos seus progenitores, levando à culpabilização das vítimas.

Além disto, Gamez-Guadix e Calvete em 2012 verificaram que os filhos foram vítimas de violência pelos seus pais têm uma maior probabilidade de exercer violência contra os seus progenitores, o que não se verifica na investigação em questão.

Enquanto que, através da análise dos resultados da presente investigação não se verificou diferenças estatisticamente significativas entre o sexo masculino e o sexo feminino. Ibabe e Jaureguizar em 2011 consideraram que a exposição dos filhos à violência nas relações familiares varia em função ao sexo ao exercer violência contra os seus pais, ou seja, participantes do sexo feminino que tivessem sido expostos a violência doméstica tinham uma menor probabilidade de terem comportamentos violentos contra os pais quando comparadas com participantes do sexo masculino.

Relativamente às questões de investigação que pretendem perceber se o consumo de substâncias e a presença de problemas psicológicos está associado aos jovens exercerem violência contra os seus pais, através da presente investigação observou-se que não há diferenças significativas entre os jovens que tinham consumido substâncias e que apresentam problemas psicológicos e os jovens que não consomem nem apresentam problemas psicológicos no que diz respeito aos jovens terem comportamentos violentos contra os seus progenitores.

A literatura existente sobre a relação do consumo de substâncias com a violência filiofamiliar é por vezes, discordante. A maioria dos autores, ao longo dos anos, como Cottrell e Monk num estudo que realizaram em 2004, relacionam o consumo de substâncias com a violência filiofamiliar. Enquanto que, recentemente num estudo realizado em 2017 por Santos, indica que muitos dos jovens não tinham consumido nada antes de agredirem os seus pais. Como Bobic (2002) observou, muitos dos estudos abordam este tópico como uma causa para o desenvolvimento de violência filiofamiliar, no entanto, o consumo de substâncias não é um

estado necessário para que haja violência. Neste sentido, os resultados obtidos sobre esta questão vão ao encontro da perspectiva de Santos (2017) e Bobic (2002).

Relativamente à relação de problemas psicológicos com a violência filiofamiliar, inicialmente associava-se a violência filiofamiliar a problemas psicológicos e deficiências. Num estudo de Calvete, Orue, Bertino, Gonzalez, Montes, Padilla e Pereira, (2014), algumas mães interpretaram o comportamento violento dos jovens como uma expressão de depressão, além disto, foram mencionados problemas psicológicos, como transtornos de personalidade Borderline e transtornos alimentares. Ainda, o estudo realizado por Contreras e Cano em 2015, os resultados indicaram que 30% dos jovens que exerciam violência contra os seus pais apresentavam algum diagnóstico clínico, enquanto que os jovens não tinham comportamentos violentos contra os seus pais não apresentavam qualquer diagnóstico clínico. Posto isto, os resultados do presente estudo não vão ao encontro dos estudos referidos ao longo da literatura, pois não se encontram diferenças significativas entre os jovens que apresentam problemas psicológicos e os jovens que não apresentam problemas psicológicos no exercer violência filiofamiliar.

Com a questão de investigação - será que existem diferenças na ocorrência de agressões por parte dos filhos contra os pais nos vários tipos de família (família nuclear, família monoparental, nova família e divórcio) – observou-se que o tipo de família em que a violência filiofamiliar ressalta é em jovens que vivem com ambos os progenitores (família nuclear) (52,6%). Enquanto que 15,8% dos participantes que exercem violência filiofamiliar representam a família monoparental, 15,8% dos participantes vivem sozinhos, pois estudam fora da sua área de residência, 15,8% vivem com ambos os progenitores, mas estes encontram-se divorciados/separados, ou seja, durante determinado tempo vivem com a mãe e outro tempo vivem com o pai (guarda partilhada) e, por último, nenhum dos participantes que exerce violência faz parte de uma nova família.

Através do estudo de Pagani, Tremblay, Nagin, Zoccolillo, Vitaro e McDuff (2009), apurou-se que o divórcio, novo casamento ou monoparentalidade são condições de risco para o desenvolvimento da violência filiofamiliar, Coogan em 2011 realizou um estudo em que concluiu que a violência filiofamiliar tem maior incidência nas famílias monoparentais. Contrariamente, de acordo com Laurent e Derry (1999) apenas 36% de adolescentes, que exerciam violência contra os seus pais, pertenciam a famílias monoparentais, enquanto que 64% pertenciam a uma família nuclear. Perante estes dados, pode-se verificar que os dados obtidos

no presente estudo vão ao encontro de Laurent e Derry, na medida em que os jovens que pertenciam a famílias monoparentais tiveram o valor mais baixo comparativamente com a família tradicional nuclear, sendo esta que prevalece nos jovens que exercem violência contra os seus pais, verificando que a monoparentalidade não é considerado um fator predominante para a existência de violência filio-parental. No entanto, no presente estudo verificou-se que não existem diferenças significativas na incidência de violência nos vários tipos de famílias.

Ainda, procurou-se perceber se existem diferenças entre o estatuto económico na incidência de violência filio-parental, verificando que 52,6% dos participantes que exercem violência filio-parental pertencem à classe média e 47,4% à classe baixa, não existindo nenhum participante que pertencesse à classe alta. De acordo com, por exemplo, Cottrell e Monk (2004), Gallaher (2008), Aroca, Cánovas e Alba, (2012) este tipo de violência ocorre principalmente em famílias com necessidades económicas. Já outros estudos, como Arouca (2010); Calvete, Orue e Sampedro (2011); Gámez Guadix e Calvete (2012), indicam que a violência filio-parental surge nas famílias de classe média, indo de encontro a esta investigação, podendo concluir que este fenómeno não se restringe apenas a uma classe específica.

Por último, procurou-se responder à questão: quais os motivos principais que os participantes relatam para a ocorrência de violência contra os seus progenitores. Neste caso, observou-se que a maioria relatou como razões para terem exercido algum tipo de violência, a adolescência, por estarem num período de rebeldia e revolta, por se sentirem frustrados, pelas proibições por parte dos pais (não sair à noite, por exemplo), por fumar, stress e opiniões contrárias.

Podendo verificar que são aspetos que foram relatados ao longo da presente investigação, como o caso da adolescência, os jovens consideram ser um período crítico e de tensão como a maioria dos autores, no entanto, Gallagher (2004) afirma que determinados comportamentos e atitudes que estão associados à adolescência, mas a sociedade torna isso numa norma, contudo, não existem certezas de que tenha um papel significativo nos problemas comportamentais. Com as alterações ao nível das relações entre os progenitores e os filhos, tendo vindo a tornarem-se cada vez mais simétricas, como refere Calvete, Gamez-Guadix e Orue, 2014, pode tornar as proibições por parte dos pais um motivo para os jovens serem violentos, que dificulta os pais em manter a autoridade e os limites perante os filhos.

Como também o motivo: o pai batia na mãe e/ou no próprio, o que, de acordo com Stith, Rosen, Middleton, Busch, Lundeberg e Carlton (2000), a violência é aprendida no contexto de socialização dentro do contexto familiar. Ibabe e Jaureguizar (2011) consideram que a exposição dos filhos à violência nas relações familiares, por exemplo, a violência conjugal entre os seus próprios pais como um fator determinante para os filhos exercerem comportamentos violentos contra os seus pais, pois o jovem interioriza que a única maneira de enfrentarem e resolverem problemas e conflitos é através da violência. No entanto, Gallagher (2004) refere que os jovens têm também de ser responsabilizados pelos seus comportamentos e, não se tornar como norma a justificação de ter testemunhado violência, pois apesar de o comportamento dos pais ter influencia no comportamento dos filhos, os pais não podem ser totalmente responsabilizados pelas condutas violentas dos seus filhos.

O fenómeno da violência filio-parental está bem presente em Portugal, a violência filio-parental tem vindo a crescer. É importante a divulgação deste tema, existirem mais estudos acerca desta problemática, para obter mais informação, por exemplo, com este estudo verificou-se que os jovens ainda assumem que a violência filio-parental é apenas exercer violência física, esquecendo-se que existe violência psicológica e que causa danos, muitas vezes, irreversíveis. De maneira a criar políticas preventivas, ou seja, não atuar quando o problema já está instalado, mas sim evitar o problema antes que ele se comece.

## **6. Considerações Finais**

O principal objetivo deste estudo centra-se em analisar a incidência de violência filio-parental em jovens com idades entre os 18 e os 25 anos, como explorar se certas características demográficas, familiares e se o consumo de substâncias ou a presença de algum tipo de problema psicológico estão relacionadas com jovens que exercem violência filio-parental, com o intuito de consciencializar a sociedade para a existência deste problema e todas as questões envolventes.

### Limitações

A primeira limitação a apontar é o facto de as questões do questionário serem difíceis e íntimas o que pode ter influenciado as suas respostas e, apesar das respostas serem anónimas e os dados confidenciais, poderá ter existido uma certa desejabilidade social nas respostas dadas,

isto é, as respostas são dadas consoante aquilo que é visto como socialmente correto. Também, o facto de a variável em estudo ter sido obtida, exclusivamente, através do relato dos jovens, onde era o próprio que descrevia os seus comportamentos e atitudes, revelando apenas a sua perceção sobre esses aspetos, poderá constituir uma visão algo limitada da realidade em estudo.

Outra limitação que se verificou é o facto de haver uma grande dificuldade de acesso às famílias que vivem esta problemática, principalmente aos agressores que, como seria de esperar são pouco colaborativos sendo, por isso, que o instrumento foi colocado online de maneira a chegar aos jovens. O que de certa forma limita a amostra às pessoas utilizadoras de Internet, contudo, como é dirigido a participantes com idades a partir dos 18 até aos 25 anos de idade, na sua maioria serão utilizadores de Internet. No entanto, como as questões às quais os participantes são submetidos podem ser consideradas desconfortáveis, a internet também pode ser considerada como um meio facilitador.

Por último, uma dificuldade relacionada com esta problemática são os inúmeros conceitos que existem e a dificuldade de clarificação dos mesmos, fazendo-se sentir não só na comunidade científica como na população em geral, o que dificulta uma análise compreensiva dos resultados.

### Estudos Futuros

Como propostas para estudos futuros será pertinente desenvolver investigações que tenham em consideração a perceção dos filhos e dos progenitores sobre a violência filio-parental e estabelecer comparações, o que permitiria um conhecimento global, mais completo e mais próximo da realidade acerca desta problemática, vendo o sistema familiar e este tema como um todo e não como uma perceção individual.

Outro estudo futuro, poderia ser estudos longitudinais para perceber como a violência filio-parental se desenvolve ao longo do tempo. Recomenda-se que sejam realizadas investigações no âmbito da implementação de programas de prevenção, de maneira a consciencializar a sociedade e os profissionais de saúde para o fenómeno em causa, como também para evitar a difusão da violência filio-parental.

### Conclusão

Pode-se constatar que existe incidência de violência filiofamiliar entre os 18 e os 25 anos de idade, não se resumindo apenas ao período de adolescência, pois é considerado como uma fase de desenvolvimento entre a idade da adolescência e a idade adulta, caracterizando-se como uma época de tensão e também de grandes mudanças. Concluiu-se também que os participantes que exercem violência filiofamiliar viveram dentro do seu contexto familiar algum tipo de violência, podendo ser considerado um aspecto preponderante nos jovens exercerem violência filiofamiliar. Contudo, não pode ser compreendido como uma razão necessária, nem como uma forma de justificar os jovens pelos seus comportamentos.

É de grande relevância que os jovens sejam responsabilizados pelos seus comportamentos, não colocando a responsabilidade total nos seus progenitores, de modo a que eles não tenham medo de denunciar que sofrem violência por parte dos seus filhos, deixando de sofrer em silêncio e, após a efetivação da denúncia torna-se fundamental proteger estes pais e intervir junto dos jovens e na relação entre ambos. Quando o problema já está implementado na família, o trabalho tem de ser com ambas as partes envolvidas e, perceber toda a história daquela família.

Mais importante ainda é criar medidas preventivas antes do comportamento violento fazer parte do âmbito familiar, informar a população sobre este tema, de maneira a transmitir que este tipo de violência não acontece só com os mais desfavorecidos, podendo ocorrer em qualquer estatuto socioeconómico. E tentar realizar alterações de certas crenças e de estereótipos que se encontram enraizadas na sociedade de forma a deixar de ser considerada “tabu” na sociedade atual, devido à vergonha e ao medo de represálias que a denúncia pode trazer e do julgamento proveniente da sociedade.

De acordo com as razões mencionadas pelos jovens verifica-se que as relações entre filhos e pais se têm tornando mais simétricas, sendo as proibições por parte dos pais face aos filhos vistas como provocações e, muitas das vezes, a causa da violência filiofamiliar. Como também para deixar de considerarem apenas a violência física como a única forma de violência, é importante, forma clara, transmitir que existe violência psicológica e que causa danos e um enorme sofrimento, na maioria das vezes, irreversíveis. De um modo geral, pode-se verificar que os resultados encontrados vão de encontro à literatura existente sobre a problemática violência filiofamiliar. Uma investigação mais aprofundada é útil para promover discussões e surgir mais questões para no futuro intervir de maneira a prevenir ou minimizar a violência filiofamiliar.

## 7. Referências Bibliográficas

- Agustina, J. R. & Romero, F. (2013). *Análisis Criminológico de la Violencia Filio-Parental*. Revista de Derecho Penal y Criminología, 3(9) p. 225-266.
- Arouca-Montolío, C. (2010). *La Violencia Filio-Parental: Una Aproximación a sus Claves* (Dissertação de Doutoramento). Facultad de Filosofía y Ciencias de la Educación: Valencia.
- Aroca – Montolío, C. (2013). *La violencia de hijos adolescentes contra sus progenitores*. Revista sobre la infância y adolescência, 5, p. 12-30.
- Aroca, C, Cánovas, P. & Alba, J. L. (2012). *Características de las familias que sufren violencia filio-parental: un estudio de revisión*. Education Siglo XXI, 30 (2), p. 231-254.
- Aroca – Montolío, C., Moledo, M. & Pérez, C. (2014). *La violència filio-parental: un análisis de sus claves*. Anales de Psicología, 1(30), p. 157-170.
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Oxford, England: PrenticeHall.
- Beckmann, L., Bergmann, M. C., Fischer, F., & Mößle, T. (2017). *Risk and protective factors of child-to-parent violence: A comparison between physical and verbal aggression*. Journal of Interpersonal Violence, 1–26. doi: 10.1177/0886260517746129
- Biehal, N. (2006). *Preventive Services for Adolescents: Exploring the Process of Change*. British Journal of Social Work, 38 p. 444-461. doi: 10.1093/bjsw/bcl352
- Bobic, N. (2002). *Adolescent violence towards parents: Myths and Realities*. Rosemount Youth & Family Services.
- Boxer, P., Gullan, R. L., & Mahoney, A. (2009). *Adolescents' physical aggression toward parents in a clinic-referred sample*. Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 38(1), p. 106-116. doi:10.1080/15374410802575396
- Browne K. & Herbert, M. (1997). *Preventing Family Violence*. John Wiley & Sons: Inglaterra.
- Calvete, E., Gámez-Guadix, M. & Orue, I. (2014). *Características familiares asociadas a violencia filio-parental en adolescentes*. Anales de Psicología, 30(3) p. 1176-1182. doi: 10.6018/analesps.30.3.166291
- Calvete, E., Gamez-Guadix, M., Orue, I., Gonzalez-Diez, Z., Lopez de Arroyabe, E., Sampedro, R., Pereira, R., Zubizarreta, A. & Borraio, E. (2013). *Brief report: The Adolescent Child-to-Parent Aggression Questionnaire: An examination of aggressions against parents in Spanish adolescents*. Journal of Adolescence, 36, p. 1077-1081.
- Calvete, E., Orue, I., Bertino, L., Gonzalez, Z., Montes, Y., Padilla, P. & Pereira, R. (2014). *Child-to-Parent Violence in Adolescents: The Perspectives of the Parents, Children,*

- and Professionals in a Sample of Spanish Focus Group Participants.* Journal of Family Violence, 29 p. 343-352. doi: 10.1007/s10896-014-9578-5
- Calvete, E., Orue, I. & Sampedro, R. (2011). *Violencia filio-parental en la adolescência: características ambientales y personales.* Journal for the Study of Education and Development, 34(3) p. 349-363. doi: 10.1174/021037011797238577
- Calvete, E., Orue, I. & Gámez-Guadix, M. (2012). *Child-to-Parent Violence: Emotional and Behavioral Predictors.* Journal of Interpersonal Violence, 28(4) p. 755–772. doi: 10.1177/0886260512455869
- Ceberio, M. R. (2016). *El Doble Vínculo en la Violencia Filio Parental: Entre la Trampa Relacional Com los Hijos e la Trampa Social.* Pensando Famílias, 20 (1) p. 3-28.
- Cecconello, A. M., De Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). *Práticas Educativas, Estilos Parentais e Abuso Físico no Contexto Familiar.* Psicologia em Estudo, 8, p. 45-54.
- CIG. (2014). *Violência Interpessoal - Abordagem, Diagnóstico e Intervenção nos Serviços de Saúde.* Retrieved from <https://www.cig.gov.pt>
- Clarke, K., Holt, A., Norris, C. & Nel, P. W. (2017). *Adolescent-to-parent violence and abuse: Parents' management of tension and ambiguity – na interpretative phenomenological analysis.* Child & Family Social Work. doi: 10.1111/cfs.12363
- Chinchilla, MaJ., Gascón, E., García, J. & Otero, M. (2005). *Un fenómeno emergente: Cuando el menor descendiente es el agresor.* Universidade de Zaragoza.
- Contreras, L. & Cano, M. C. (2015). *Exploring psychological features in adolescents who assault their parents: a different profile of young offenders?* The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology, 26(2) p. 224–241. doi:10.1080/14789949.2015.1004634
- Contreras, L., & Cano, M. C. (2016). *Child-to-parent violence: The role of exposure to violence and its relationship to social-cognitive processing.* The European Journal of Psychology Applied to Legal Context, 8(2), p. 43–50.
- Coogan, D. (2011). *Child-to-Parent Violence: Challenging Perspectives on Family Violence.* Child Care in Practice, 17 (4) p. 347-358. doi: 10.1080/13575279.2011.596815
- Coogan, D. (2014). *Responding to Child-to-Parent Violence: Innovative Practices in Child and Adolescent Mental Health.* Health & Social Work. doi: 10.1093/hsw/hlu011
- Corsi, J. (1994). *Violencia familiar, una mirada interdisciplinaria sobre un grave problema social.* Buenos Aires, Paidós.
- Cottrell, B. (2001). *Parent abuse: the abuse of parents by their teenager children.* National Clearinghouse on Family Violence. Government of Canada.
- Cottrell, B. & Monk, P. (2004). *Adolescent-to-Parent Abuse. A Qualitative Overview of Common Themes.* Journal of Family Issues, 25(8) p. 1072-1095. doi: 10.1177/0192513X03261330

- Costa, M. E. & Duarte, D. (2000). *Violência familiar*. Ambar: Porto.
- Delanez, G.O. (2012). *A Violência Intrafamiliar e as suas consequências no desenvolvimento da criança*. Faculdade de Direito da Pontifícia da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Direção-Geral da Saúde (2003). *Estratégias de Combate à Violência Doméstica*. Lisboa.
- Doll, L. S., Bonzo, S. E., Sleet, D. A. & Mercy, J. A. (2007). *Handbook of Injury and Violence Prevention*. USA: Springer, p. 157-181
- Eckstein, N. J. (2004). *Emergent issues in families experiencing adolescent- to- parent abuse*. *Western Journal of Communication*, 68(4) p. 365-388. doi: 10.1080/10570310409374809
- Gabriel, L., Tizro, Z., James, H., Cronin-Davis, J., Beetham, T., Corbally, A., Lopez-Moreno, E. & Hills, S. (2017). “Give me some space”: exploring youth to parent aggression and violence. *Journal of Family Violence*. doi: 10.1007/s10896-017-9928-1
- Gallagher, E. (2004). *Parents Victimized by their Children*. 25 (6), p. 1-12.
- Gámez-Guadix, M. & Calvete, E. (2012). *Violencia filio-parental y su asociación con la exposición a la violencia marital y la agresión de padres a hijos*. *Psicothema*, 2(24) p. 277-283.
- García, N. C. (2014). *Violencia Filio-Parental: Características Personales y Familiares de una Muestra de Servicios Sociales*. *Trabajo Social Hoy*, 73, p. 63-78. doi: 10.12960/TSH.2014.0016.
- Garrido, V. (2005). *Los hijos tiranos. El síndrome del emperador*. Barcelona: Ariel.
- Harbin, H. T. & Madden, D. J. (1979). *Battered Parents: A New Syndrome*. *The American Journal of Psychiatry*, 136.
- Hill, M. & Hill, A. (2000). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Holt, A. (2016). *Adolescent-to-Parent Abuse as a Form of “Domestic Violence”: A Conceptual Review*. *Trauma, Violence, & Abuse*, 17(5) p. 490-499. doi: 10.1177/1524838015584372
- Holt, A. & Shon, P. (2016). *Exploring Fatal and Non-Fatal Violence Against Parents: Challenging the Orthodoxy of Abused Adolescent Perpetrators*. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*. doi: 10.1177/0306624X16672444
- Ibabe, I. & Bentler, P. M. (2016). *The Contribution of Family Relationships to Child-to-Parent Violence*. *Journal of Family Violence*, 31, p. 259-269. doi: 10.1007/s10896-015-9764-0
- Ibabe, I. & Jaureguizar, J. (2011). *¿Hasta qué punto la violencia filio-parental es bidireccional?*. *Anales de Psicología*, 27(2) p. 265-277.

- Ibabe, I., Jaureguizar, J. & Bentler, P. (2013). *Risk factors for child-to-parent violence*. Journal Family Violence, 28, p. 523-534.
- Ibabe, I., Jaureguizar, J. & Díaz, O. (2007). *Violencia filio-parental: conductas violentas de jóvenes hacia sus padres*. Servicio Central de Publicaciones del Gobierno Vasco.
- Kennair, N. & Mellor, D. (2007). *Parent Abuse: A Review*. Child Psychiatry & Human Development, 38 (3), 203–219. doi: 10.1007/s10578-007-0061-x
- Lyons, J., Bell, T., Frechette, S., & Romano, E. (2015). *Child-to-parent violence: Frequency and family correlates*. Journal of Family Violence, 30(6), p. 729–742. doi:10.1007/s10896-015-9716-8
- Machado, L. M. G. S. (2010). *Crenças e Representações Sociais dos Adolescentes sobre a violência interpessoal* (Dissertação de Mestrado). Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Martínez, M. L., Estévez, E., Jiménez, T. I. & Velilla, C. (2015). *Violencia Filio-Parental: Principales Características, Factores de Riesgo y Claves para la Intervención*. Papeles del Psicólogo, 36(3) p. 216-223.
- Marco, M. (2013). *La violencia filio-parental: cuando los hijos dominan a los padres. Inteligencia emocional aplicada a las dificultades de aprendizaje: experiencias positivas de intervención educativa y superación*. 8, p. 138-150.
- Maroco, J. (2010). *Análise Estatística com o PASW Statistics*. Lisboa: Report Number.
- Mitchell, K. J. & Finkelhor, D. (2001). *Risk of crime victimization among youth exposed to domestic violence*. Journal of Interpersonal Violence, 16, p. 944-964.
- Molla-Esparza, C. & Aroca-Montolío, C. (2017). *Menores que maltratan a sus progenitores: definición integral y su ciclo de violencia*. Anuario de Psicología Jurídica, 28, p. 15-21. doi:10.1016/j.apj.2017.01.001
- Montolío, A. & Seixas, S. R. (2014). *Tipos de Famílias que Sofrem Maus Tratos por Parte dos Filhos Adolescentes: Uma Revisão*. Revista UIIPS, 6(2).
- Moreira, E. (2014). *El contexto familiar como factor fundamental en la violencia filio-parental*. Journal of Child and Adolescent Psychology, 5(1).
- Narvaz, M. & Koller, S. (2006). *Mulheres vítimas de violência doméstica: compreendendo subjetividades assujeitadas*. Psico, 37 (1), p. 7-13.
- Pagani, L. S., Tremblay, R. E., Nagin, D., Zoccolillo, M., Vitaro, F. & McDuff, P. (2004). *Risk factors models for adolescent verbal and physical aggression toward mothers*. International Journal of Behavior Development, 28 (6), p. 528-537. doi:10.1080/01650250444000243

- Pagani, L., Tremblay, R. E., Nagin, D., Zoccolillo, M., Vitaro, F., & McDuff, P. (2009). *Risk factor models for adolescent verbal and physical aggression toward fathers*. Journal of Family Violence, 24(3), p. 173-182. doi:10-1007/s10896-008-9216-1
- Patuleia, N. & Alberto, I. (2016). *Narrativas e Representações sobre Violência Filioparental numa amostra de Profissionais*, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Patuleia, N., Alberto, I. & Pereira, R. (2013). *(Des)Construindo a violência filio-parental – análise de um caso de intervenção terapêutica na violência filio-parental com adolescente em acolhimento institucional*. Revista Brasileira de Psicoterapia, 15(1).
- Pérez, T. & Pereira, R. (2006). *Violencia filio-parental: un fenómeno emergente. Introducción*. Revista Mosaico, 36, p. 1-3.
- Powell, K.E., Dahlberg, L., Friday, J. Merc, J. A., Thornton, T & Crawford, S. (1996). *Prevention of youth violence: Rationale e characteristics of 15 evaluation projects*. American Journal of Preventive Medicine, (12) 5, p. 2- 12.
- Redondo, J., Pimentel, I., & Correia, A. (2012). *Manual SARAR – Sinalizar, Apoiar, Registrar, Avaliar, Referenciar: Uma Proposta de Manual para Profissionais de Saúde na área da violência familiar/ entre parceiros íntimos*. Coimbra: Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra.
- Ribeiro, J. I. V. (2015). *Validação de duas Escalas de Avaliação das Representações Sociais em torno da Violência Filioparental numa amostra de adultos da comunidade geral* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciência da Educação: Coimbra
- Romero, F., Melero, A., Cánovas, C. & Antolín, M. (2005). *La violencia de los jóvenes en la familia: una aproximación a los menores denunciados por sus padres. Documentos de Trabajo*. Centro de Estudios Jurídicos del Departamento de Justicia de la Generalitat de Cataluña.
- Routt, G., & Anderson, L. (2011). *Adolescent Aggression: Adolescent Violence towards Parents*. Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 20, p. 1-19. doi:10.1080/10926771.2011.537595
- Sanmartín, J., Gutiérrez, R., Martínez, J. & Vera, J. L. (2010). *Reflexiones sobre la violencia*. XXI. México.
- Santos, R. P. T. (2017). *Violência filio-parental e toxicodpendência (Pós-Graduação)*. Universidade Fernando Pessoa: Porto.
- Serra, A.N. (2013). *El fenómeno de la violencia filio-parental: Un proyecto de prevención* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia - Universidad complutense de Madrid, Espanã.
- Simões, M. S. F. (2015). *Estudos de validação de duas Escalas de Avaliação das Representações Sociais em torno da Violência Filioparental numa amostra de*

*adolescentes* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Steinmetz, S.K. (1978). *Battered parents*. *Society*, 15, p. 54-55.

Stewart, M., Wilkes, L. M., Jackson, D., & Mannix, J. (2006). *Child-to-mother violence: A pilot study*. *Contemporary Nurse*, 21 (2), p. 297-310. doi:10.5172/conu.2006.21. 2.297

Stith, S. M., Rosen, K. H., Middleton, K. A., Busch, A. L., Lundeberg, K. & Carlton, R. P. (2000). *The intergenerational transmission of spouse abuse: A meta-analysis*. *Journal of Marriage and the Family*, 62, p. 640-654.

Tercero, R. & Menna, L. (2009). *Una comprensión ecológica de la violencia filio parental*. *Redes*, 21, p. 69-90.

Tew, J., & Nixon, J. (2010). *Parent abuse: Opening up a discussion of a complex instance of family power relations*. *Social Policy and Society*, 9 (4).

Vaquero, S. A. (2015). *Escala de Funcionamento Parental (EFP). Validación de un instrumento de medida para padres que sufren Violencia Filio-Parental en sus familias*. Facultad de Ciencias Humanas y Sociales, Madrid.

Walsh, J.A. & Krienert, J.L. (2007). *Child-parent violence: an empirical analysis of offender, victim, and event characteristics in a national sample, of reported incidents*. *Journal of Family Violence*, 22 (7), p. 563-574. doi:10.1007/s10896-007-9108-0

## Anexos

**Anexo 1:** Instrumento Original: “The Child-to-Parents Aggression Questionnaire”, elaborado por Calvete, Gamez-Guadix, Orue, Gonzalez-Diez, Lopez de Arroyabe, Sampedro, Pereira, Zubizarreta e Borrajo (2014)

- 0 = Never** (this has not happened in my relationship with my mother or father)  
**1 = Rarely** (this has occurred only 1 or 2 times)  
**2 = Sometimes** (it has occurred 3–5 times)  
**3 = Very often** (it has occurred 6 or more times)

	Your father				Your mother			
1. You have shouted at your mother/father when you were angry	0	1	2	3	0	1	2	3
2. You have threatened to hit your mother/father although you did not get to do it	0	1	2	3	0	1	2	3
3. You have pushed or hit your mother/father in a fight	0	1	2	3	0	1	2	3
4. You have beaten you mother/father with something that could hurt her/him	0	1	2	3	0	1	2	3
5. You have insulted or said bad words to your mother/father	0	1	2	3	0	1	2	3
6. You have kicked or punched you mother/father	0	1	2	3	0	1	2	3
7. You have blackmailed your mother/father to get what you wanted	0	1	2	3	0	1	2	3
8. You have taken your mother's/father's money without permission	0	1	2	3	0	1	2	3
9. You have done something to annoy your mother/father	0	1	2	3	0	1	2	3
10. You have disobeyed a request of your father/mother that was important for her/him	0	1	2	3	0	1	2	3

If you indicated that you **insulted or did something to annoy** your mother or father in one of the preceding questions, please state the reasons for this.

If you indicated that you **hit** your father or your mother in one of the preceding questions, please state the reasons for this.

## Anexo 2: Questionário traduzido

### Questionário de violência filio-parental

Por favor indica quantas vezes fizeste estas coisas à tua mãe ou ao teu pai durante o último ano.

**0 = Nunca** (isto nunca aconteceu na minha relação com a minha mãe ou pai)

**1 = Raramente** (isto aconteceu apenas 1 ou 2 vezes)

**2 = Algumas vezes** (isto aconteceu entre 3 a 5 vezes)

**3 = Muitas vezes** (isto aconteceu 6 ou mais vezes)

	Mãe				Pai			
1. Gritaste com a tua mãe/o teu pai quando estavas zangado/a.	0	1	2	3	0	1	2	3
2. Ameaçaste bater na tua mãe/no teu pai, embora não o tenhas feito.	0	1	2	3	0	1	2	3
3. Empurraste ou batestes na tua mãe/no teu pai durante uma discussão.	0	1	2	3	0	1	2	3
4. Batestes na tua mãe/no teu pai com algo que a/o pudesse magoar.	0	1	2	3	0	1	2	3
5. Insultaste ou ofendeste a tua mãe/o teu pai.	0	1	2	3	0	1	2	3
6. Deste pontapés ou murros na tua mãe/no teu pai.	0	1	2	3	0	1	2	3
7. Chantageaste a tua mãe/o teu pai para conseguires o que querias.	0	1	2	3	0	1	2	3
8. Tiraste dinheiro à tua mãe/ao teu pai sem a sua permissão.	0	1	2	3	0	1	2	3
9. Fizeste algo para irritar a tua mãe/o teu pai.	0	1	2	3	0	1	2	3
10. Desobedeceste a um pedido da tua mãe/do teu pai que era importante para ela/ele.	0	1	2	3	0	1	2	3

Se indicaste, numa das questões anteriores, que **insultaste ou fizeste algo para aborrecer** a tua mãe ou o teu pai apresenta, por favor, as razões para o teres feito.

Se indicaste, numa das questões anteriores, que **batestes** na tua mãe ou no teu pai apresenta, por favor, as razões para o teres feito.

### **Anexo 3: Introdução e Questões sociodemográficas**

#### **Violência Intrafamiliar**

Venho pedir a colaboração da vossa parte para a construção do meu projeto de dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica no ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, que tem como objetivo estudar a violência exercida por parte dos filhos contra os seus pais e mães. Sendo um questionário dirigido a jovens com idades compreendidas entre os 18 e 25 anos.

Não sinta qualquer medo ou vergonha de responder, pois as suas respostas serão completamente ANÓNIMAS e CONFIDENCIAIS, sendo importante que responda a todas as questões com honestidade.

Este questionário demorará cerca de 10 minutos.

Caso surja alguma dúvida ou questão por favor contacte-me por via e-mail: [raquel-oliveira05@hotmail.com](mailto:raquel-oliveira05@hotmail.com)

Obrigada pela sua participação!

1. Idade: \_\_\_\_\_

2. Sexo:      Feminino    Masculino

3. Estatuto Económico:

Classe Alta   

Classe Média

Classe Baixa

4. Habilitações Literárias:

9º ano de escolaridade

12º ano de escolaridade

Curso Técnico-Profissional

Licenciatura

Mestrado

5. Profissão: \_\_\_\_\_

6. Qual o seu agregado familiar? \_\_\_\_\_

(\*se, por exemplo, viver com irmãos, avós etc; se viver só com um progenitor indique qual; ou se viver com ambos, mas que seja dividido semanalmente, quinzenalmente, mensalmente, etc, explique também)

7. Os seus pais estão:

Juntos

Divorciados

8. Se estão divorciados como é que a separação foi vivida por si?

Muito Bem

Bem

Mais ou Menos

Mal

Muito Mal

9. Alguma vez testemunhaste algum tipo de violência (i.e. bater, empurrar, insultar, humilhar, chantagear, etc) na sua casa?

Sim

Não

Se respondeu SIM indique entre quem testemunhou essa violência, e que tipo de violência foi.

---

10. Alguma vez foi vítima de algum tipo de violência na sua casa?

Sim

Não

Se respondeu SIM indique de quem foi vítima, e que tipo de violência sofreu.

---

11. Com que frequência é que essas situações (ser testemunha ou ser vítima de violência) ocorrem/ocorreram?

1 vez por mês ou menos

- 1 ou 2 vezes por semana
- Todos os dias
- Nunca

12. Sabe se o seu pai ou a sua mãe foram alguma vez vítimas de algum tipo de violência?

- Sim
- Não

Se respondeu SIM anteriormente, indique quem é que foi vítima, e de quem é que o seu pai ou mãe foram vítimas de violência? \_\_\_\_\_

13. Estava sob o efeito de algum tipo de substância ilícita (álcool ou droga) antes de agredir a sua mãe/ o seu pai? \_\_\_\_\_

14. Tem/já teve algum tipo de doença ou problema psicológico?

- Sim
- Não

**Anexo 4:** Teste de Qui-Quadrado, para perceber se existem diferenças significativas entre sexo e incidência total

Testes qui-quadrado						
	Valor	G1	Significância			Probabilidade de ponto
			Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)	
Qui-quadrado de Pearson	,609 <sup>a</sup>	1	,435	,450	,295	
Correção de continuidade	,275	1	,600			
Razão de verossimilhança	,592	1	,442	,610	,295	
Teste Exato de Fisher				,450	,295	
Associação Linear por Linear	,605 <sup>c</sup>	1	,437	,450	,295	,145
N de Casos Válidos	176					

a. 0 células (,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 6,48.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

c. A estatística padronizada é ,778.

**Anexo 5:** Teste Qui-Quadrado para perceber se existem diferenças significativas entre o estatuto socioeconómico

<b>Testes qui-quadrado</b>						
	Valor	gl	Significância			Probabilidade de ponto
			Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)	
Qui-quadrado de Pearson	10,964 <sup>a</sup>	2	,004	,009		
Razão de verossimilhança	9,411	2	,009	,016		
Teste Exato de Fisher	8,900			,010		
Associação Linear por Linear	10,422 <sup>b</sup>	1	,001	,003	,002	,002
N de Casos Válidos	176					

a. 3 células (50,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é ,43.

b. A estatística padronizada é 3,228.

**Anexo 6:** Teste Qui-Quadrado para perceber se existem diferenças significativas entre o agregado familiar

<b>Testes qui-quadrado</b>						
	Valor	gl	Significância			Probabilidade de ponto
			Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)	
Qui-quadrado de Pearson	2,952 <sup>a</sup>	4	,566	,581		
Razão de verossimilhança	4,082	4	,395	,499		
Teste Exato de Fisher	2,521			,642		
Associação Linear por Linear	,216 <sup>b</sup>	1	,642	,700	,351	,067
N de Casos Válidos	176					

a. 4 células (40,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 1,30.

b. A estatística padronizada é ,464.

**Anexo 7:** Teste Qui-Quadrado para perceber se existem diferenças significativas na incidência de violência psicológica em relação ao sexo

<b>Testes qui-quadrado</b>						
	Valor	gl	Significância			Probabilidade de ponto
			Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)	
Qui-quadrado de Pearson	1,887 <sup>a</sup>	1	,170	,193	,118	
Correção de continuidade <sup>b</sup>	1,409	1	,235			
Razão de verossimilhança	1,844	1	,174	,193	,118	
Teste Exato de Fisher				,193	,118	
Associação Linear por Linear	1,876 <sup>c</sup>	1	,171	,193	,118	,058
N de Casos Válidos	176					

a. 0 células (,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 14,32.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

c. A estatística padronizada é 1,370.

**Anexo 8:** Teste Qui-Quadrado para perceber se existem diferenças significativas na incidência de violência física em relação ao sexo

Testes qui-quadrado						
	Valor	gl	Significância			Probabilidade de ponto
			Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)	
Qui-quadrado de Pearson	3,168 <sup>a</sup>	1	,075	,092	,078	
Correção de continuidade <sup>b</sup>	2,063	1	,151			
Razão de verossimilhança	2,970	1	,085	,167	,078	
Teste Exato de Fisher				,092	,078	
Associação Linear por Linear	3,150 <sup>c</sup>	1	,076	,092	,078	,059
N de Casos Válidos	176					

a. 1 células (25,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 3,41.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

c. A estatística padronizada é 1,775.

**Anexo 9:** Testes de Normalidade e Homogeneidade de Variâncias para o consumo de substâncias

Testes de Normalidade							
Consumo de substâncias?		Kolmogorov-Smirnov <sup>a</sup>			Shapiro-Wilk		
		Estatística	Df	Sig.	Estatística	Df	Sig.
Incidência_Total	Sim	,252	11	,049	,866	11	,069
	Não	,148	165	,000	,897	165	,000

a. Correlação de Significância de Lilliefors

Teste de Homogeneidade de Variância					
Incidência_Total		Estatística de			
		Levene	df1	df2	Sig.
Incidência_Total	Com base em média	,337	1	174	,562
	Com base em mediana	,138	1	174	,710
	Com base em mediana e com df ajustado	,138	1	173,982	,710
	Com base em média aparada	,383	1	174	,537

**Anexo 10:** Testes de Normalidade e Homogeneidade de Variâncias para problema psicológico

<b>Testes de Normalidade</b>							
Problema mental?	Kolmogorov-Smirnov <sup>a</sup>			Shapiro-Wilk			
	Estatística	df	Sig.	Estatística	Df	Sig.	
Incidência_Total Sim	,159	16	,200*	,916	16	,147	
Não	,138	160	,000	,900	160	,000	

\*. Este é um limite inferior da significância verdadeira.

a. Correlação de Significância de Lilliefors

<b>Teste de Homogeneidade de Variância</b>						
Incidência_Total		Estatística de				
		Levene	df1	df2	Sig.	
	Com base em média	,037	1	174	,848	
	Com base em mediana	,039	1	174	,843	
	Com base em mediana e com df ajustado	,039	1	172,543	,843	
	Com base em média aparada	,021	1	174	,885	